

# “Brandindo o cutelo da Maldição”

## Em torno do manifesto *O Bando Sinistro* de Raul Leal

Antonio Almeida\*

### Palavras-chave

*O Bando Sinistro*, Raul Leal, Fernando Pessoa, modernismo português, Afonso Costa, política monárquica.

### Resumo

Reproduz-se aqui, integralmente, o texto do manifesto político-literário *O Bando Sinistro* de Raul Leal (1886-1964), marco da literatura modernista portuguesa, dadas as suas repercussões no seio do grupo de colaboradores da revista *Orpheu*. A apresentação do documento inclui, como posfácio, uma detalhada análise das diligências tomadas para a produção e distribuição do manifesto, assim como dos antecedentes sociais e políticos que lhe serviram de base.

### Keywords

*The Sinister Band*, Raul Leal, Fernando Pessoa, Portuguese modernism, Afonso Costa, monarchist politics.

### Abstract

The political-literary manifesto *The Sinister Band* (*O Bando Sinistro*) by Raul Leal (1886-1964) is here reproduced in its entirety. The manifesto represents a landmark in the Portuguese modernist literary movement, due to its repercussions for the group of collaborators of the modernist magazine *Orpheu*. The presentation of the document includes, as postscript, a detailed analysis of the steps taken for the production and distribution of the manifesto, as well as a study of the underlying social and political context.

---

\* Universidade Nova de Lisboa, CETAPS.

Profeta da Vertigem, invocador do fim dos tempos, criador de singulares utopias, Raul Leal (1886-1964) construiu uma obra em grande parte inédita, que, dado o seu interesse para o panorama do modernismo literário e artístico português, urge reabilitar.

Nesse sentido, o documento que aqui se apresenta é o texto integral do virtualmente esquecido manifesto político-literário *O Bando Sinistro – Appello aos Intellectuaes Portuguezes*, lançado por Raul Leal em julho de 1915, como colaborador de *Orpheu*. Produzido na sequência da revolução que depôs o regime ditatorial de Pimenta de Castro no dia 14 de maio, o manifesto lealino constituiu a primeira de muitas intervenções de carácter político.

Ditado pelas emoções e insuflado por um espírito de missão, o “Apelo” encerra um estilo quase profético. Raul Leal visa a congregar os intelectuais portugueses em torno de um Ideal: o derrube do regime republicano, cumulado na figura de Afonso Costa, líder máximo do Partido Democrático. Este regime encontrava-se assente naquilo que, na sua perspectiva, eram indivíduos medíocres e sem relevo espiritual, impreparados para a difícil arte de governar, quando confrontados com os monarcas que os precederam e com a aura sagrada que lhes estava associada. A tese aqui sustentada é a de que, com a revolução do 5 de outubro de 1910, Portugal se foi transformando gradualmente num pântano, constituindo a tarefa das “almas nobres e livres” banir os inferiores republicanos e, deste modo, tornar a iluminar o mundo, libertando-o das trevas.

O panfleto, editado com a preciosa colaboração de Santa-Rita Pintor, provocou definitivamente mais ondas de choque no seio do grupo de *Orpheu* do que à primeira vista o seu conteúdo faria supor, muito por conta da coincidência de ter sido lançado no mesmo dia do acidente de eléctrico que vitimou Afonso Costa. Este aspeto, a par da carta provocatória do “engenheiro sensacionista” Álvaro de Campos com que Pessoa retribuiu uma alfinetada do vespertino *A Capital* aos de *Orpheu*, motivaria a reação imediata por parte de alguma da imprensa republicana.

Embora tenham optado por exprimi-lo de modo diverso, Raul Leal e Fernando Pessoa tinham pontos de vista comuns relativamente a Afonso Costa, e ambos quase sofreriam na pele a audácia de afrontar o líder do Partido Democrático. A polémica daqui surgida estaria ainda na base do afastamento voluntário de alguns dos colaboradores de *Orpheu*. Este reduziu de forma drástica as chances de publicação de um terceiro número, pelo que, a par da apresentação do texto integral do manifesto, se inclui também neste artigo um historial do impacto deste episódio na revista e nos intervenientes na polémica.

Como foi referido, *O Bando Sinistro* constituiu um momento de viragem na escrita de Raul Leal, uma vez que até este momento a sua intervenção se tinha cingido meramente aos campos filosófico, sociológico e de crítica musical. Assim, com a produção deste manifesto, o autor inaugurou um período de ininterrupta

colaboração em jornais monárquicos em prol da restauração, que durou mais de uma década e culminaria com a edição a expensas próprias dos sete números d’*O Rebelde – Panfleto Monárquico Independente* (1927).

Ao longo dos anos, Raul Leal continuaria a desenvolver a sua doutrina de índole política, destacando-se neste particular os conceitos de Monarquia Graciana, de “Super-Estado” ou, numa fase mais avançada da sua vida, em plena Guerra Fria, de Sindicalismo Personalista, com o qual procura dar uma resposta à situação do pós-guerra, alertando para a urgência duma nova ordem mundial, produto da fusão utópica de todas as tendências contemporâneas de organização político-social. Terá sido este aspeto que levou Almada Negreiros a cunhar o epíteto “Raul Leal, o especulador de Política” (NEGREIROS, 1965: 10), com que o qualifica no volume comemorativo do cinquentenário de *Orpheu*.

O apagamento de um dos autores mais empenhados nas iniciativas em prol da afirmação do modernismo em Portugal nas décadas de 10 e 20 terá começado, porventura, na polémica da *Sodoma Divinizada* (1923), devido à reação violenta dos meios conservadores e tradicionalistas ao teor dos seus escritos, que acabou por lhe fechar algumas portas.

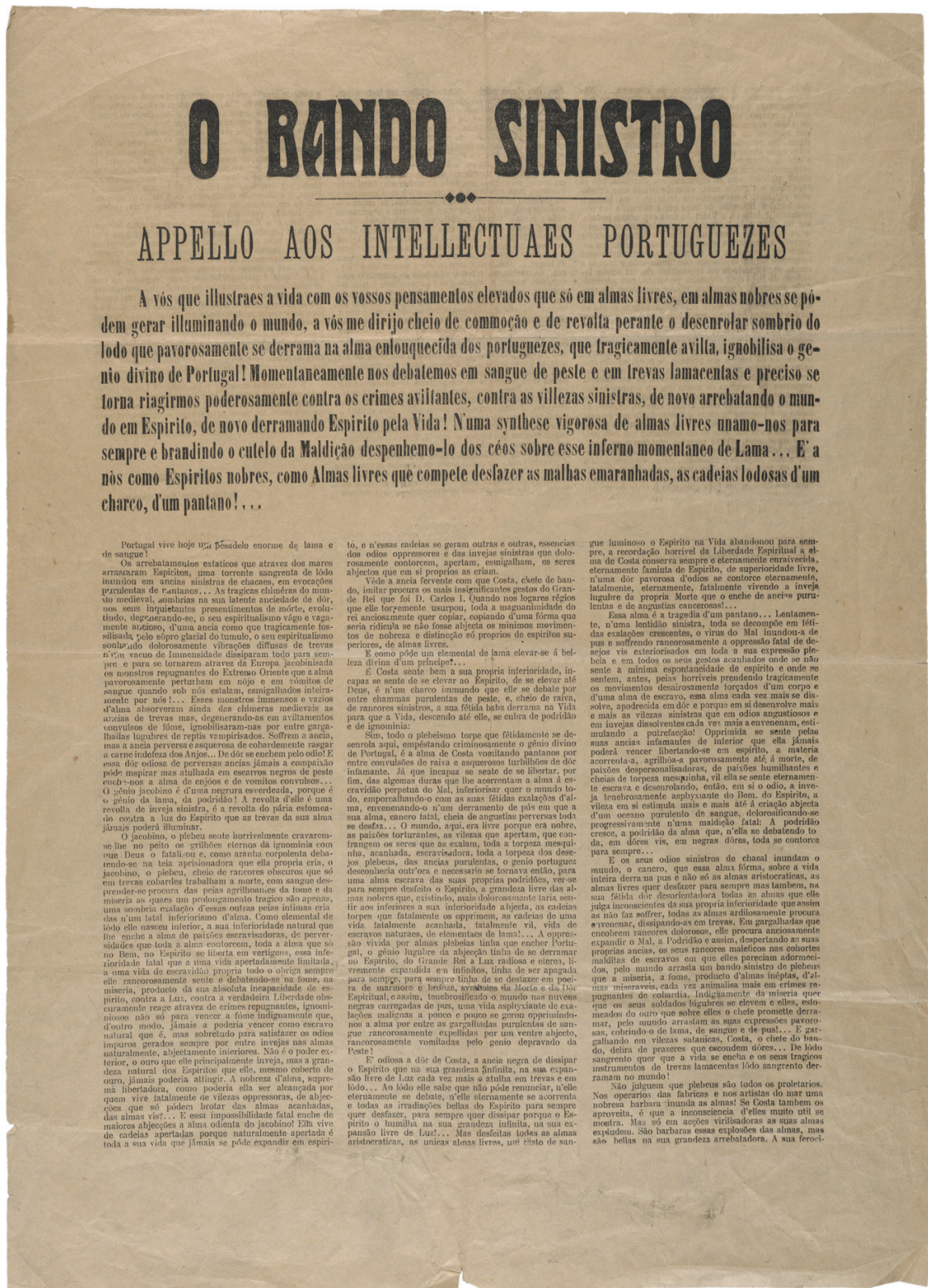
Não obstante as episódicas tentativas de reabilitação do poeta de *L’Antechrist et la Gloire du Saint-Esprit – Hymne Poème Sacré*, intentadas pela revista *Presença* que, entre outros textos, publicou nas suas páginas excertos de “Messe Noire” e alguns “Psaumes” e, já durante os anos 50, por parte dos surrealistas do Café Gelo, no seguimento da sua presença ativa nos debates do Jardim Universitário das Belas-Artes (J.U.B.A.), pela mão de Guilherme Filipe e António Pedro – seria apenas nos anos finais, que rodearam a sua morte, que Raul Leal teria uma maior fortuna crítica. Em primeiro lugar, com a publicação de *Sindicalismo Personalista – Plano de Salvação do Mundo* (1960) e com a reedição de *Sodoma Divinisada* (1962) na Contraponto de Luiz Pacheco; em segundo lugar, com a inclusão de artigos seus em algumas revistas e jornais conservadores como *Tempo Presente*, *Diário Ilustrado*, *Diário da Manhã* ou *Debate*; e, em último lugar, por intermédio dos esforços do seu biógrafo e maior exegeta, Pinharanda Gomes, que postumamente recolhe e anota os artigos incluídos nas obras *O Sentido Esotérico da História* (1970) e *Problemas do Desporto: Ensaios de Filosofia Desportiva* (1970).

Incompreendido pelo facto de trilhar o caminho de um Ideal inatingível, o filósofo de *A Liberdade Transcendente* resistiu ao longo da sua vida através de obstinadas investidas quixotescas contra os moinhos do *establishment*, sendo em todas elas derrubado, mas persistindo em avançar através da Vertigem.

Concluindo, façamos nossas as palavras do seu amigo Fernando Pessoa que afirmou a dada altura: “O seu espirito viveu demasiadamente o seu systema” (PESSOA, 2009: 320). Desta maneira, o filósofo ter-se-á sacrificado em face da importância capital da sua Obra, à qual se entregou tão completamente que, minado pela doença, se deixou (sobre)viver com o sonho de encontrar editor para

os numerosos inéditos. Tratou-se da opção vital de um homem rebelde que se posicionou fora das normas de atuação moral e social vigentes na sua época e se entregou sem limites à sua missão. Raul Leal demonstraria, assim, um total desprendimento no que se refere a aspetos materiais, em função da liberdade de poder afirmar o seu Espírito, e sujeitar-se-ia a um ocultamento que apresenta agora novamente indícios de chegar a um termo – com a publicação, nos últimos anos, de várias peças inéditas e artigos críticos sobre o autor e a sua obra.

## Documentos:

I. Facsímile do manifesto *O Bando Sinistro – Appello aos Intellectuaes Portuguezes*, lançado por Raul Leal em julho de 1915.

# RAUL LEAL

## O BANDO SINISTRO

### APPELLO AOS INTELLECTUAES PORTUGUEZES

A vós que illustraes a vida com os vossos pensamentos elevados que só em almas livres, em almas nobres se podem gerar illuminando o mundo, a vós me dirijo cheio de commoção e de revolta perante o desenrolar sombrio do todo que pavorosamente se derrama na alma enlouquecida dos portuguezes, que tragicamente avilta, ignobilisa o génio divino de Portugal! Momentaneamente nos debatemos em sangue de peste e em trevas lamacentas e preciso se torna riágrimos poderosamente contra os crimes aviltantes, contra as villezas sinistras, de novo arrebatando o mundo em Espirito, de novo derramando Espirito pela Vida! Numa synthese vigorosa de almas livres unamo-nos para sempre e brandindo o cutelo da Maldição despenhemo-lo dos céos sobre esse inferno momentaneo de Lama... E' a nós como Espiritos nobres, como Almas livres que compete desfazer as malhas emaranhadas, as cadeias lodosas d'um charco, d'um pantano!...

Portugal vive hoje um pesadelo enorme de lama e de sangue!

Os arrebatamentos extáticos que através dos mares arrastaram Espirites, uma torrente sangrenta de lodo intuído em ancias sinistras de chaceas, em evocações purulentas de pantanos... As tragicas chimeras do mundo medieval, sombrias e sua latente aniquilação de dor, nos seus inquietantes presentimentos de morte, evoluindo, deprecando-se, o seu espiritalismo vago e vagamente arcaico, d'uma ancia como que tragicamente fossilizada pelo sopro glacial do tumulto, o seu espiritalismo sombreado dolorosamente vibrações difusas de trevas n'um vacuo de imensidade dissiparam todo para sempre o para se tornarem através da Europa jacobinizada os monstros repugnantes do Extremo Oriente que a alma pavorosamente perturbam em nóje e em vômitos de sangue quando sob nós estalam, esmagando-nos intrinsecamente por nós!... Esses monstros imensos e vazios d'alma absorveram ainda das chimeras medievais as ancias de trevas mas, degenerando-as em aviltamentos convulsivos de fône, ignobilisaram-nas por entre gargalhadas lugubres de reptis vampirizados. Sofrem a ancia, mas a ancia perversa e escurra de cobardemente rasgar a carne indolente dos Anjos... De dor se enchem pelo odio! E essa dor odiosa de perversas ancias fêmeas a compaixão pôde aspirar mas atulhada em escuros negros de peste encubos a alma de enfiões e de vomitos convulsivos... O génio jacobino é d'uma negra esverdeada, porque é o génio da lama, da podridão! A revolta d'elle é uma revolta de inveja sinistra, é a revolta do pária estomacado contra a luz do Espirito que as trevas da sua ancia já não poderá illuminar.

O jacobino, o plebeu sente horrivelmente cravar-se-lhe no peito os grilhões eternos da ignominia com que Deus o fatalizou, e como aranha corpulenta debatendo-se na teia aprisionadora que ella propria cria, o jacobino, o plebeu, cheio de rancores obscuros que só em trevas coardas trabalham a morte, com sangue desprender-se procura das peias agrilhoas da fome e da miseria as quaes um prolongamento tragico são apenas, uma sombria exaltação d'esses outros peias infimas cria das n'um fatal inferiorismo d'alma. Como elemental de lodo elle nasceu inferior, a sua inferioridade natural que lhe enche a alma de paixões escravizadoras, de perversidades que toda a alma contorce, toda a alma que só no Bem, no Espirito se liberta em venturas, essa inferioridade fatal que a uma vida apertadamente limitada, a uma vida de escravidão propria todo o obriga sempre elle rancorosamente sente e debatendo-se na fome, na miseria, producto da sua absoluta incapacidade de espirito, contra a Luz, contra a verdadeira Libertade obscuramente reage através de crimes repugnantes, ignominiosos não só para vencer a fome indignamente que, d'outro modo, já não a poderia vencer como escravo natural que é, mas sobretudo para satisfazer os odios impuros gerados sempre por entre invejas nas almas naturalmente, abjectamente inferiores. Não o pôde vencer a natureza natural dos Espirites que elle, mesmo coberto de barro, já não poderia abrigar. A nobreza d'alma, suprema libertadora, como poderia ella ser alcançada por quem vive fatalmente de villezas oppressoras, de abjecções que só podem brotar das almas acançadas, das almas vies... E' essa impossibilidade fatal enche de maiores abjecções a alma odiosa do jacobino! Ella vive de cadeias apertadas porque naturalmente apertada é toda a sua vida que já não se pôde expandir em espirito,

e n'essas cadeias se geram outras e outras, essencias dos odios oppressores e das invejas sinistras que dolorosamente contorce, apertam, esmagam, os seres abjectos que em si proprios se criam.

Vede a ancia fervente com que Costa, chefe de bando, inflar procura os mais insignificantes gestos do Grande Rei que foi D. Carlos I. Quando nos logares répticos que elle torçemente usurpou, toda a magnanimidade do rei ansiosamente quer copiar, copiando d'uma forma que seria ridicula se não fosse abjecta os minimos movimentos de nobreza e distincção só proprios de espiritos superiores, de almas livres.

E como pôde um elemental de lama elevar-se á belleza divina d'um príncipe?

E Costa sente bem a sua propria inferioridade, incapaz se sente de se elevar ao Espirito, de se elevar até Deus, é d'um charco immundo que elle se debate por entre chamas purulentas de peste, e, cheio de rancore, de rancores sinistros, a sua fétida baba derrama na Vida para que a Vida, descendo até elle, se cubra de podridão e de ignominia.

Sim, todo o plebeismo torpe que fétidamente se desenrola aqui, empastando criminosamente o génio divino de Portugal, é a alma de Costa vomitando pantanos por entre convulsões de raiva e asquerosos turbilhões de dor infamante, já que incapaz se sente de se libertar, por fim, das algemas duras que lhe acorrentam a alma á escravidão perpetua do Mal, inferioridade quer o mundo todo, empochando-o com as suas fétidas exaltações d'alma, envenenando-o n'um derramamento de póje em que a sua alma, cancro fatal, cheia de angustias perversas toda se desfaz... O mundo, aqui, era livre porque era nobre, as paixões torturantes, as villezas que apertam, que contrungem os seres que as excitam, toda a torpeza mesquinha, acançada, escravizadora, toda a torpeza dos vícios plebeus, das ancias purulentas, o génio portuguez desconhecido outrora e necessario se tornava então, para uma alma escrava das suas proprias potidões, ver-se para sempre desfilto o Espirito, a grandeza livre das almas nobres que, existindo, mais dolorosamente fazia sentir nos inferiores a sua inferioridade abjecta, as cadeias torpes que fatalmente os opprimem, as cadeias de uma vida fatalmente acançada, fatalmente vil, vida de escravos naturaes, de elementaes de lama!... A oppressão vivida por almas plebeias tinha de ser apagada para sempre, para sempre tinha de se desfazer em poeira de maturo e hirido, symbolo da gloria e da Luz Espiritual, assim, tenebrosificado o mundo nas nuvens negras carregadas de pus, uma vida asphyxiante de exaltações malignas a pouco e pouco se gerou opprimido a alma por entre as gargalhadas purulentas de sangue rancorosamente expellidas por um ventre abjecto, rancorosamente vomitadas pelo génio depravado d'esses!

E' odiosa a dor de Costa, a ancia negra de dissipar o Espirito que na sua grandeza infinita, na sua expansão livre de Luz cada vez mais o atulha em trevas e em lodo... Ao lodo elle sabe que não pôde renunciar, n'elle eternamente se debate, a'elle eternamente se acorrenta e todas as irradiações bellas do Espirito para sempre quer desfazer, para sempre quer dissipar porque o Espirito o humilha na sua grandeza infinita, na sua expansão livre de Luz!... Mas desfeitas todas as almas aristocráticas, as unicas almas livres, um riste de san-

gue luminoso o Espirito na Vida abandonou para sempre, a recordação horrivel da Libertade Espiritual a alma de Costa conserva sempre e eternamente cravada, eternamente faminta de Espirito, de superioridade livre, n'uma dor pavorosa d'odios se contorce eternamente, fatalmente, eternamente, fatalmente vivendo a inveja lugubre da propria morte que o enche de ancias purulentas e de angustias cancerosas!...

Essa alma é a tragedia d'um pantano... Lentamente, n'uma lendição sinistra, toda se descompõe em fétidas exaltações crescentes, o virus do Mal inundou-a de pus e soffrendo rancorosamente a oppressão fatal de desejos vis exteriorizados em toda a sua expressão plebeia e em todos os seus gestos acançados onde se não sente a minima espontaneidade de espirito e onde se sentem, antes, peias, horríveis prendendo tragicamente os movimentos desaccostamente torçados d'um corpo e d'uma alma de escravo, essa alma cada vez mais se dissolve, apodrecida em dor e porquie em si desenvolve mais e mais as villezas sinistras que em odios angustiosos e em invejas dissolventes cada vez mais envenenam, estimulando a putrefacção! Opprimida se sente pelas suas ancias infernaes de inferior que ella já não poderá vencer libertando-se em espirito, a materia acorrenta-a, agrilha-a pavorosamente até á morte, de paixões despersonalizadoras, de paixões humilhantes e cheias de torpeza mesquinha, vil ella se sente eternamente escrava e desenrolando, então, em si o odio, a inveja, feticosamente asphyxiante do Bem, do Espirito, a vilceia em si estimula mais e mais até á criação abjecta d'um oceano purulento de sangue, dolorosificando-se progressivamente n'uma maldição fatal: A podridão cresce, a podridão da alma que, n'ella se debatendo toda, em dores vis, em negras dores, toda se contorce para sempre...

E os seus odios sinistros de chama inunda o mundo, o cancro, que essa alma fêmea, só a vida inteira derrama na pus e não só as almas aristocráticas, as almas livres quer desfazer para sempre mas tambem, na sua fétida dor desorientadora todas as almas que elle nunca inconscientes da sua propria inferioridade que assim as não faz soffrer, todas as almas arditosamente procura e vomitar, dissipando-as em trevas. Em gargalhadas que expandir o Mal, a Podridão e assim, despertando as suas proprias ancias, os seus rancores malignos nas coardas muditas de escravos em que elles pareciam dormiçoados, pelo mundo arrasta um bando sinistro de plebeus que a miseria, a fome, producto d'almas ineptas, d'almas miseraveis, cada vez animalisadas mais em crimes repugnantes de cobardia, indignamente da miseria quer que os seus soldados lugubres se elevem e elles, estomados do ouro que sobre elles o clero promette derramar, pelo mundo arrastam as suas expressões pavorosas, cobrindo-o de lama, de sangue e de pus!... E' gargalhando em villezas satanas, Costa, o chefe do bargalhando em villezas satanas, Costa, o chefe do bargalhando que escodem dores... De lodo instrumento quer que a vida se encha e os seus tragicos instrumentos de trevas lamacentas lodo sangrento derramem no mundo!

Não julguem que plebeus são todos os proletarios. Nos operarios das fabricas e nos artistas do mar uma nobreza barbara invade as almas! Se Costa tambem os aproveita, é que a inconsciencia d'elles muito util se mostra. Mas só em açôes virilidades os seus almas espiudem. São barbas essas explosões das almas, mas espiudem bellas na sua grandeza arrebatadora. A sua ferocidade

dade orgulhosa torrencialmente se derrama... Não assim, a ferocidade vil dos verdadeiros plebeus que verdadeiramente formam o bando sinistro de lama! O lodo custa a romper, n'ello se enaranham as almas e o bando de Costa eternamente arranca de si torrentes de lodo que atulham os caminhos por onde difficilissimamente passa. No proprio lodo expellido pelas almas que o forçam essas almas plebeias se atulham, se prendem... E n'ello se afundam, n'ello suffocam, occultando n'ello os seus movimentos apertados, os seus movimentos vis. As almas plebeias não se expandem em torrentes, não se expandem em genio mas, escondidas nas suas exhalações putridas, cavernosamente trabalham em trevas a sua lugubre haccanal de lama que lentamente vai empastando o mundo, a Vida! As suas expressões pavoresas de raiva e de fome mal surzem do pantano empastadas em lodo, e nas entranhas do lodo que cultivam querem a destruição e a morte. É nos seus outros secretos de ignominia, de abjeção, que em movimentos tortuosos forjam as chamas que incendiariam o mundo e assim, contorcendo-se em hypercricas vis, em acções invisíveis de lama com requintes perversos, com perversidade esmerada desenvolvem vilezas enopadas em sangue. O lodo com genio trabalha o lodo... E cada vez mais requintadas e mais encobertas pelo lodo são as acções abjectas de crime que o bando plebeu cavernosamente exhalta. Oulf'ora, nos tempos de Marat, a cobardia vil não se occultava tanto, os jorros de sangue mal encobriam ainda a fonte purulenta d'onde elles partiam, entre Marat e Costa a mesma distancia existe que entre um vilão de lama e um pantano de peste, aquelle trabalha nas trevas para bem depressa explodir em torrentes descobrindo as trevas e este cultiva na sua essencia asquerosa os germens da morte que em vapores invisíveis se geram na morte que em vapores invisíveis se geram na morte que em vapores invisíveis se geram na morte...

duo, das almas exigia cuidadosas atenções torturantes, atenções que mais contorciam as almas, mais as deprimiam, só com subtilezas aviltantes ellas se podiam lentamente desmanchar do lodo e educando-se ignobilmente nessas subtilezas vis atufadas em pantanos, cada vez mais subtilmente procuraram trabalhar o lodo que, cada vez mais as occultando, mais occultou as suas acções requintadas, os seus esmeros repugnantes. Assim, por todas as razões, a Vileza cresceu... E da fome, e da miseria natural as almas vis se vão mostrando para vencerem a miseria d' luz da Dignidade e do Espirito, só infamemente, ignobilmente, as almas miseráveis podem vencer miserias exteriores e procurando cada vez mais vencer-se, cada vez mais se ignobilisam, pois! E como conseguem ellas mesmo atravez do lodo, mesmo exultando mais lodo, mais lodo erguer-se acima da fome, das miserias exteriores? Como conseguiu Costa da lama? ... Destinados deviam ser á escravidão de trevas, ao azorrage, a todos os labets de infamia e condescendo vencer a miseria que as suas almas torpes requiriam, apagaram o Espirito alastrando lodo pelo mundo... Sim, a fidade do Lodo é aquella em que vive! Só elle sinistramente brilha, da Vida é elle o unico senhor... A revolta dos plebeus foi a revolta de escravos naturais, de elementes de lama! ... E como conseguiram revelar-se, como alcançaram o poder e o ouro? Indibriando o Espirito! As Almas Nobres, as Almas áves jámais poderiam descer o seu olhar de luz para as trevas purulentas d'um pantano; tão longe estavam d'ello, na sua grandia infamia, que jámais concebiam uma existencia vil e o pantano, occultando-se em nuvens de fumo, germinou em ruina e morte sem jámais preoccupar o Espirito, sem jámais prender as suas atenções altivas. Este era muito nobre para suppr a maldição d'um pantano! N'uma atmosfera de luz e de nobreza vivia radiosamente e a sua atmosphera Elle julgou sempre que enchia o mundo. Em excessos vibrantes se erguia no ether e era tão alheio á materia que jámais a suppoz existente, jámais a concebendo. Só de si proprio vivia, não podia sentir os rumores cavernosos de almas infimas que lentamente arruiam os seus fundamentos de nuvens para o precipitar nos abyssos da Morte... As suas divinas despreoccupações da materia

a materia ignobilmente explorou e foi assim que erguendo-se em chamas do Mal os elementes do lodo desfezeram o Espirito! Desfezeram o Espirito, cobrindo-se de ouro... Despreveendo o encontraram e por isso o venceram... Como poderia a Luz prever o trabalho das trevas? ... Mas um rasto de luz o Espirito abandonou na Vida, elle se pode desenvolver, germinar e preparando-se assim para a luz, as trevas, o lodo por fim dissipará. O lodo venceu porque o Espirito despreveendo não lucrou, mas aí d'elle se o Espirito despertado eternamente exultou em torrentes de Luz! ... Na luta o Espirito é a Força, é a liberdade dominadora da Vida... O lodo debato-se em cadéias, as explosões d'almas livres, poderosas, desfazão, pois, o lodo! Sim, e o Espirito cresce de novo, do novo luminosamente inundará o mundo... A luz espirital e as trevas de lama em convulsões, n'um caos, derramado infillios. Jorros de luz como mil lanças d'um exercito divino trespassarão as trevas, desfazendo-as em sangue e pus. Será pavoroso o embate delirante das trevas e da Luz! N'uma furia celesial um gladio immenso em que as scintillações de chamas serias as estrelas convulsivas as scintillações de chamas serias as estrelas convulsivas do firmamento, por todo o Espirito ha-de ser enfim brandido em ancias. Dos céus, da Luz se precipitará no lodo para que o pantano onde germinam dóres abjectas, abjectas angustias d'odio, derramando-se em negro sangue, apavore o mundo com expressões de lama e de dor, debatem-se em raiva e em terrores convulsiantes! A dor do odio crescerá mais, de vilezas maiores inundará as almas plebeias para que n'esse paroxismo sinistro de lama toda estele em podridão, desfazendo-se na morte... E dissolvidas em ether pelo gladio da Luz as trevas lamacentas que arrastam hoje o mundo que os monstros fabulosos espumando odios e abjeções por entre vomitos colossales de peste para sempre se dissiparão, para sempre se atogarão em espirito, o qual radiosamente cobrirá o Universo, o Infinito, de ancias celestias!!!...

Raul Leal

Collaborador de «Orphen»

Museum of Modern Art, New York

EDITOR—O ALCTOR  
Prensa Libertad—Barcelona—Calle de Los Angeles

Beineke  
Library  
Broadsides  
Folio  
2011  
29

# O BANDO SINISTRO

## APPELLO AOS INTELLECTUAES PORTUGUEZES

A vós que illustraes a vida com os vossos pensamentos elevados que só em almas livres, em almas nobres se pódem gerar illuminando o mundo, a vós me dirijo cheio de commoção e de revolta perante o desenrolar sombrio do lodo que pavorosamente se derrama na alma enlouquecida dos portuguezes, que tragicamente avilta, ignobilisa o genio divino de Portugal! Momentaneamente nos debatemos em sangue de peste e em trevas lamacentas e preciso se torna riagirmos poderosamente contra os crimes aviltantes, contra as villezas sinistras, de novo arrebatando o mundo em Espirito, de novo derramando Espirito pela Vida! N'uma synthese vigorosa de almas livres unamo-nos para sempre e brandindo o cutelo da Maldição despenhemo-lo dos céos sobre esse inferno momentaneo de Lama... É a nós como Espiritos nobres, como Almas livres que compete desfazer as malhas emaranhadas, as cadeias lodosas d'um charco, d'um pantano!...

Portugal vive hoje um pesadelo enorme de lama e de sangue!

Os arrebatamentos extaticos que atravez dos mares arrastaram Espiritos, uma torrente sangrenta de lôdo inundou em ancias sinistras de chacaes, em evocações purulentas de pantanos... As tragicas chiméras do mundo medieval, sombrias na sua latente anciedade de dôr, nos seus inquietantes presentimentos de mórte, evoluindo, degenerando-se, o seu espiritualismo vágo e vagamente ancioso, d'uma ancia como que tragicamente fossilizada, pelo sôpro glacial do tumulto, o seu espiritualismo sonhando dolorosamente vibrações diffusas de trevas n'um vacuo de Immensidade dissiparam todo para sempre e para se tornarem atravez da Europa jacobinizada os monstros repugnantes do Extremo Oriente que a alma pavorosamente perturbam em nojo e em vômitos de sangue quando sob nós estalam, esmigalhados inteiramente por nós!... Esses monstros immensos e vazios d'alma absorveram ainda das chimeras medievais as ancias de trevas mas, degenerando-as em aviltamentos convulsos de fome, ignobilisaram-nas por entre gargalhadas lugubres de reptis vampirizados. Soffrem a ancia, mas a ancia perversa e asquerosa de cobardemente rasgar a carne indefeza dos Anjos... De dôr

se enchem pelo odio! E essa dôr odiosa de perversas ancias jamais a compaixão póde inspirar mas atulhada em escarros negros de peste enche-nos a alma de enjoos e de vomitos convulsos... O genio jacobino é d'uma negrura esverdeada, porque é o genio da lama, da podridão! A revolta d'elle é uma revolta de inveja sinistra, e a revolta do pária esfomeado contra a luz do Espirito que as trevas da sua alma jámais poderá illuminar.

O jacobino, o plebeu sente horrivelmente cravarem-se-lhe no peito os grilhões eternos da ignominia com que Deus o fatalizou e, como aranha corpolenta, debatendo-se na teia aprisionadora que ella propria cria, o jacobino, o plebeu, cheio de rancores obscuros que só em trevas cobardes trabalham a morte, com sangue desprender-se procura das peias agrilhoantes da fome e da miseria as quaes um prolongamento tragico são apenas, uma sombria exalação d'essas outras peias intimas criadas n'um fatal inferiorismo d'alma. Como elemental de lodo elle nasceu inferior, a sua inferioridade natural que lhe enche a alma de paixões escravizadoras, de perversidades que toda a alma contorcem, toda a alma que só no Bem, no Espirito se liberta em vertigens, essa inferioridade fatal que a uma vida apertadamente limitada, a uma vida de escravidão propria todo o obriga sempre, elle rancorosamente sente e debatendo-se na fome, na miseria, producto da sua absoluta incapacidade de espirito, contra a Luz, contra a verdadeira Liberdade obscuramente reage atravez de crimes repugnantes, ignominiosos não só para vencer a fome indignamente que, d'outro modo, jamais a poderia vencer como escravo natural que é, mas sobretudo para satisfazer os odios impuros gerados sempre por entre invejas nas almas naturalmente, abjectamente inferiores. Não é o poder exterior, o ouro que elle principalmente inveja, mas a grandeza natural dos Espiritos que elle, mesmo coberto de ouro, jamais poderia attingir. A nobreza d'alma, suprema libertadora, como poderia ella ser alcançada por quem vive fatalmente de vilezas oppressoras, de abjecções que só poderá brotar das almas acanhadas, das almas vis!... E essa impossibilidade fatal enche de maiores abjecções a alma odienta do jacobino! Ella vive de cadeias apertadas porque naturalmente apertada é toda a sua vida que jamais se pode expandir em espirito, e n'essas cadeias se geram outras e outras, essencias dos odios oppressores e das invejas sinistras que dolorosamente contorcem, apertam, esmigalham, os seres abjectos que em si proprios as criam.

Vêde a ancia fervente com que Costa, chefe de bando, imitar procura os mais insignificantes gestos do Grande Rei que foi D. Carlos I. Quando nos logares régios que elle torpemente usurpou, toda a magnanimidade do rei anciosamente quer copiar, copiando d'uma fórma que seria ridicula se não fosse abjecta os minimos movimentos de nobreza e distincção só proprios de espiritos superiores, de almas livres.

E como póde um elemental de lama elevar-se á belleza divina d'um principe?...



E Costa sente bem a sua propria inferioridade, incapaz se sente de se elevar ao Espirito, de se elevar até Deus, é n'um charco imundo que elle se debate por entre chammas purulentas de peste, e, cheio de raiva, de rancores sinistros, a sua fétida baba derrama na Vida para que a Vida, descendo até elle, se cubra de podridão e de ignominia:

Sim, todo o plebeismo torpe que fétidamente se desenrola aqui, empéstando criminosamente o génio divino de Portugal, é a alma de Costa vomitando pantanos por entre convulsões de raiva e asquerosos turbilhões de dôr infamante. Já que incapaz se sente de se libertar, por fim, das algemas duras que lhe acorrentam a alma á escravidão perpetua do Mal, inferiorisar quer o mundo todo, emporcalhando-o com as suas fétidas exalações d'alma, envenenando-o n'um derra[ma]mento de pús em que a sua alma, cancro fatal, cheia de angustias perversas toda se desfaz... O mundo, aqui, era livre porque era nobre, as paixões torturantes, as vilezas que apertam, que confrangem os seres que as exalam, toda a torpeza mesquinha, acanhada, escravizadora, toda a torpeza dos desejos plebeus, das ancias purulentas, o genio portuguez desconhecia outr'ora e necessario se tornava então, para uma alma escrava das suas proprias podridões, ver-se para sempre desfeito o Espirito, a grandeza livre das almas nobres que, existindo, mais dolorosamente faria sentir aos inferiores a sua inferioridade abjecta, as cadeias torpes que fatalmente os opprimem, as cadeias do uma vida fatalmente acanhada, fatalmente vil, vida de escravos naturaes, de elementaes de lama!... A oppressão vivida por almas plebeias tinha que encher Portugal, o génio lugubre da abjecção tinha de se derramar no Espirito, do Grande Rei a Luz radiosa e eterea, livremente expandida em infinitos, tinha de ser apagada para sempre, para sempre tinha de se desfazer em poeira de marmore e bronze, symbolos da Morte e da Dôr Espiritual e assim, tenebrosificado o mundo nas nuvens negras carregadas de pus, uma vida asphyxiante de exalações malignas a pouco e pouco se gerou opprimindo-nos a alma por entre as gargalhadas purulentas de sangue rancorosamente expellidas por um ventre abjecto, rancorosamente vomitadas pelo genio depravado da Peste!

É odiosa a dôr de Costa, a ancia negra de dissipar o Espirito que na sua grandeza infinita, na sua expansão livre de Luz cada vez mais o atulha em trevas e em lôdo... Ao lôdo elle sabe que não póde renunciar, n'elle eternamente se debate, n'elle eternamente se acorrenta e todas as irradiações bellas do Espirito para sempre quer desfazer, para sempre quer dissipar porque o Espirito o humilha na sua grandeza infinita, na sua expansão livre de Luz!... Mas desfeitas todas as almas aristocraticas, as unicas almas livres, um rasto do sangue luminoso o Espirito na Vida abandonou para sempre, a recordação horrivel da Liberdade Espiritual a alma de Costa conserva sempre e eternamente enraivecida, eternamente faminta de Espirito, de superioridade livre, n'uma dôr pavorosa d'odios se contorce eternamente, fatalmente, eternamente, fatalmente vivendo a inveja lugubre da propria Morte que o enche de ancias purulentas e de angustias cancerosas!...

Essa alma é a tragedia d'um pantano... Lentamente, n'uma lentidão sinistra, toda se decompõe em fétidas exalações crescentes, o virus do Mal inundou-a de pus e soffrendo rancorosamente a oppressão fatal de desejos vis exteriorizados em toda a sua expressão plebeia e em todos os seus gestos acanhados onde se não sente a minima espontaneidade de espirito e onde se sentem, antes, peias horriveis prendendo tragicamente os movimentos desairosamente forçados d'um corpo e d'uma alma de escravo, essa alma cada vez mais se dissolve, apodrecida em dôr e porque em si desenvolve mais e mais as vilezas sinistras que em odios angustiosos e em invejas dissolventes cada vez mais a envenenam, estimulando a putrefacção! Opprimida se sente pelas suas ancias infamantes de inferior que ella jámais poderá vencer libertando-se em espirito, a materia acorrenta-a, agrilhôa-a pavorosamente até á morte, de paixões despersonalisadoras, de paixões humilhantes e cheias de torpeza mesquinha, vil ella se sente eternamente escrava e desenrolando, então, em si o odio, a inveja tenebrosamente asphyxiante do Bem, do Espirito, a vileza em si estimula mais e mais até á criação abjecta d'um oceano purulento de sangue, dolorosificando-se progressivamente n'uma maldição fatal: A podridão cresce, a podridão da alma que, n'ella se debatendo toda, em dôres vis, em. negras dôres, toda se contorce para sempre...

E os seus odios sinistros de chacal inundam o mundo, o cancro, que essa alma fórma, sobre a vida inteira derrama pus e não só as almas aristocraticas, as almas livres quer desfazer para sempre mas tambem, na sua fétida dôr desorientadora todas as almas que elle julga inconscientes da sua propria inferioridade que assim as não faz soffrer, todas as almas ardilosamente procura envenenar, dissipando-as em trevas. Em gargalhadas que encobrem rancores dolorosos, elle procura anciosamente expandir o Mal, a Podridão e assim, despertando as suas proprias ancias, os seus rancores maleficos nas cohortes malditas de escravos em que elles pareciam adormecidos, pelo mundo arrasta um bando sinistro de plebeus que a miseria, a fome, producto d'almas inéptas, d'almas miseraveis, cada vez animalisa mais em crimes repugnantes de cobardia. Indignamente da miseria quer que os seus soldados lúgubres se elevem e elles, esfomeados do ouro que sobre elles o chefe promette derramar, pelo mundo arrastam as suas expressões pavorosas, cobrindo-o de lama, de sangue e de pus!... E gargalhando em vilezas satanicas, Costa, o chefe do bando, delira de prazeres que escondem dôres... De lôdo sangrento quer que a vida se encha e os seus tragicos instrumentos de trevas lamacentas lôdo sangrento derramam no mundo!

Não julguem que plebeus são todos os proletarios. Nos operarios das fabricas e nos artistas do mar uma nobresa barbara inunda as almas! Se Costa tambem os aproveita, é que a inconsciencia delles muito util se mostra. Mas só em acções virilisoras as suas almas expludem. São barbaras essas explosões das almas, mas são bellas na sua grandeza arrebatadora. A sua ferocidade orgulhosa torrencialmente se derrama... Não assim, a ferocidade vil dos verdadeiros plebeus

que verdadeiramente formam o bando sinistro de lama! O lodo custa a romper, n'elle se emaranham as almas e o bando de Costa eternamente arranca de si torrentes de lodo que atulham os caminhos por onde difficultosamente passa. No proprio lodo expellido pelas almas que o formam essas almas plebeias se atulham, se prendem... E n'elle se afundam, n'elle suffocam, occultando n'elle os seus movimentos apertados, os seus movimentos vis. As almas plebeias não se expandem em torrentes, não se expandem em genio mas, escondidas nas suas exalações putridas, cavernosamente trabalham em trevas a sua lugubre bacchanal de lama que lentamente vae empestando o mundo, a Vida! As suas expressões pavorosas de raiva e de fome mal surgem do pantano empastadas em lodo, é nas entranhas do lodo que cultivar querem a destruição e a morte, é nos seus antros secretos de ignominia, de abjecção, que em movimentos tortuosos forjam as chamas que incendiarão o mundo e assim, contorcendo-se em hypocrisias vis, em acções invisiveis de lama com requintes perversos, com perversidade esmerada desenrolam vilezas ensopadas em sangue. O lodo com esmero trabalha o lodo... E cada vez mais requintadas e mais encobertas pelo lodo são as acções abjectas de crime que o bando plebeu cavernosamente exhala. Outr'ora, nos tempos de Marat, a cobardia vil não se occultava tanto, os jorros de sangue mal encobriam ainda a fonte purulenta d'onde elles partiam, entre Marat e Costa a mesma distancia existe que entre um vulcão de lama e um pantano de peste, aquelle trabalha nas trevas para bem depressa explodir em torrentes descobrindo as trevas e este cultiva na sua essencia asquerosa os germens da morte que em vapores invisiveis se espalharão pelo mundo!... A vileza progrediu, a abjecção requintou-se mais. O lodo cresceu, afundou as almas que progressivamente o formaram da sua propria essencia; as almas, cada vez mais escondidas no pélagos crescente, cada vez mais se embaralharam nas suas proprias emanções, n'ellas proprias prenderam os movimentos lodosos e educando-se nas difficultades crescentes, n'ellas proprias germinadas, desenvolveram mais e mais os processos vis que perante um debate difficultoso, torturante, se aviltaram mais, mais se requintando. Para caminharem no lodo crescente o trabalho era arduo, das almas exigia cuidadosas attenções torturantes, attenções que mais contorciam as almas, mais as deprimiam, só com subtilezas aviltantes ellas se podiam lentamente desemaranhar do lodo e educando-se ignobilmente n'essas subtilezas vis afundadas em pantanos, cada vez mais subtilmente procuraram trabalhar o lodo que, cada vez mais as occultando, mais occultou as suas acções requintadas, os seus esmeros repugnantes. Assim, por todas as razoes, a Vileza cresceu...

E da fome, e da miseria natural as almas vis se vão erguendo para mais no lodo se atulharem. Ineptas se mostram para vencerem a miseria á luz da Dignidade e do Espirito, só infamemente, ignobilmente, as almas miseraveis podem vencer miserias exteriores e procurando cada vez mais vencel-as, cada vez mais se ignobilisam, pois! E como conseguem ellas mesmo atravez do lodo, mesmo

exhalando mais lodo, mais lodo erguer-se acima da fome, das miserias exteriores? Como conseguiu Costa e outr'ora Marat erguer-se ao poder e ao ouro atravez da lama?... Destinados deviam ser á escravidão de trevas, ao azorrague, a todos os labéus de infamia e conseguindo vencer a miseria que as suas almas torpes requeriam, apagaram o Espirito alastrando lodo pelo mundo!... Sim, a Idade do Lodo é aquella em que vivemos! Só elle sinistramente brilha, da Vida é elle o unico senhor... A revolta dos plebeus foi a revolta de escravos naturaes, de elementaes de lama!... E como conseguiram revoltar-se, como alcançaram o poder e o ouro? Ludibriando o Espirito! As Almas Nobres, as Almas Livres jámais poderiam descer o seu olhar de luz para as trevas purulentas d'um pantano; tão longe estavam d'elle, na sua grandeza infinita, que jámais conceberam uma existencia vil e o pantano, occultando-se em nuvens de fumo, germinou em ruina e morte sem jámais preocupar o Espirito, sem jamais prender as suas atenções altivas. Este era muito nobre para suppor a maldição d'um pantano! N'uma atmosphaera de luz e de nobreza vivia radiosamente e a sua atmosphaera Elle julgou sempre que enchia o mundo. Em extases vibrantes se erguia no ether e era tao alheio á materia quo jámais a suppoz existente, jamais a concebendo. Só de si proprio vivia, não podia sentir os rumores cavernosos de almas infimas que lentamente arruam os seus fundamentos de nuvens para o precipitar nos abysmos da Morte... As suas divinas despreoccupações da materia a materia ignobilmente explorou e foi assim que erguendo-se em chamas do Mal os elementaes do lodo desfizeram o Espirito! Desfizeram o Espirito, cobrindo-se de ouro... Desprevenido o encontraram e por isso o venceram... Como poderia a Luz prever o trabalho das trevas?...

Mas um rasto de luz o Espirito abandonou na Vida, elle se pode desenvolver, germinar e preparando-se assim para a lucta, as trevas, o lodo por fim dissipará. O lodo venceu porque o Espirito desprevenido não luctou, mas ai d'elle se o Espirito despertado etereamente explodir em torrentes de Luz!... Na lucta o Espirito é a Força, é a liberdade dominadora da Vida... O lodo debate-se em cadeias, as explosões d'almas livres, poderosas, desfarão, pois, o lodo!

Sim, e o Espirito cresce de novo, de novo luminosamente inundará o mundo!... A luz espiritual e as trevas de lama em convulsões, n'um cahos, derramarão infinitos. Jorros de luz como mil lanças d'um exercito divino trespassarão as trevas, desfazendo-as em sangue e pus. Será pavoroso o embate delirante das trevas e da Luz! N'uma furia celestial um gladio immenso em que as scintillações de chamas serão as estrellas convulsivas do firmamento, por todo o Espirito ha-de ser emfim brandido em ancias. Dos céus, da Luz se precipitará no lodo para que o pantano onde germinam dôres abjectas, abjectas angustias d'odio, derramando-se em negro sangue, apavore o mundo com expressões de lama e de dôr, a debaterem-se em raiva e em terrores convulsionantes! A dôr do odio crescerá mais, de vilezas maiores inundará as almas plebeias para, que n'esse paroxismo sinistro de lama toda estale em podridão, desfazendo-se na morte...

E dissolvidas em ether pelo gladio da Luz as trevas lamacentas que arrastam hoje o mundo quaes monstros fabulosos espumando odios e abjecções por entre vomitos colossaes de peste para sempre se dissiparão, para sempre se afogarão em espirito, o qual riosamente cobrirá o Universo, o Infinito, de ancias celestiaes!!!...

## **Raul Leal**

Collaborador de «Orpheu»

---

EDITOR – O AUCTOR

Prensa Libertad – Barcelona – Calle de Los Angeles

## Posfácio

### “Um pouco Orfeu de mais”

Intrigado com o facto de o manifesto *O Bando Sinistro* de Raul Leal, com particular relevância para a História do modernismo português, pelas repercussões que teve no grupo de *Orpheu*, continuar, à distância de cem anos, a ser citado a partir de excertos transcritos no periódico republicano *O Mundo*, entendi que seria tempo de revelar o texto na íntegra.

Para tal, após alguma pesquisa nos catálogos de bibliotecas nacionais e estrangeiras, detetei um exemplar do manifesto no catálogo em linha da *Beinecke Rare Book and Manuscript Library* da Universidade de Yale, à qual dirigi de imediato um pedido de digitalização<sup>1</sup>.

Se é indesmentível que, em larga medida, os escritores “menores” que colaboraram em *Orpheu* têm permanecido na sombra e sido algo esquecidos por editores e críticos face ao peso enorme dos três baluartes do modernismo português – Pessoa, Sá-Carneiro e Almada –, essa situação ainda é mais pungente no caso de Raul Leal, cuja obra permanece até a presente data em larga medida inédita ou, face à sua dispersão por jornais e revistas, virtualmente esquecida.<sup>2</sup>

Nascido a 1 de setembro de 1886, no seio de uma família abastada, filho de um reputado proprietário e negociante de produtos africanos, e de uma brasileira, casada em segundas núpcias, após enviuar do 2º Visconde de Sagres, Raul d’Oliveira Souza Leal foi educado num ambiente requintado, vivendo em grande opulência no palácio da família na Rua de S. José. No entanto, com a falência da Mala Real Portuguesa que, a partir de 1893, passou a ser uma Comissão Administrativa até à liquidação consumada em 1903, de que o pai de Leal era sócio com António de Sousa Lara, a situação financeira da família sofreu um duro revés, o que lhe terá custado ao filho a perda de uma fatia substancial da fortuna.

Após formar-se bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra em 1909, Raul Leal exerceu advocacia durante um curto período de tempo, tendo sido nomeado para o cargo de subdelegado do procurador régio na 6ª vara da comarca de Lisboa e, mais tarde, estabelecendo-se num escritório no Cais do Sodré até 1912, ano em que deixaria de exercer na sequência da morte do pai. Nesse momento, ficaria na posse de uma ainda assim considerável herança, pelo que deixaria de ter necessidade de trabalhar, acalentando então o sonho de tornar-se filósofo e escritor.

---

<sup>1</sup> O manifesto encontra-se digitalizado e disponível online numa página da biblioteca de Yale University: <http://brbl-dl.library.yale.edu/vufind/Record/3446948>.

<sup>2</sup> Para aproximações biobibliográficas mais aprofundadas ao autor de *A Liberdade Transcendente* cf. os artigos de GOMES (1966), LOPO (2013) e NEVES (2015).

Leal foi, talvez, a par de Fernando Pessoa, um dos mais polivalentes dos modernistas portugueses, se considerarmos que a sua intervenção se estendeu por campos tão variados como a música, a educação, a filosofia, a literatura, a política, a religião e a crítica de arte. Isto mesmo é visível ao atentar-se para os primeiros escritos publicados ainda antes da sua colaboração em *Orpheu 2*, nomeadamente um folheto de crítica musical, *A "Apassionáta" de Beethoven e Viãna da Móta: (a propósito da audição da "Apassionáta" no Teatro-Circo Príncipe Real de Coimbra em 7 de Junho de 1909)* (1909), seguido de ensaios de crítica n' *A Arte Musical* de Michel' Angelo Lambertini (1909-12); um relatório sobre educação apresentado na conferência preparatória do Congresso Nacional de 1910 realizada na Liga Naval Portuguesa, em 23 de março, *A Situação do Estudante Portuguez, sob os Pontos de Vista Intellectual, Moral-Social e Physico* (coletivo) e *A Liberdade Transcendente* (1913), a primeira parte de um tratado filosófico criticado severamente por Leonardo Coimbra (COIMBRA, 1913: 319-321), o pensador do Criacionismo, e em que o autor estabeleceu as bases do Vertiginismo Transcendente, a sua contribuição original nesta verdadeira revolução do pensamento operada pelos modernistas.

Embora este facto careça de confirmação, o que, porventura, apenas sucederá com a fundamental publicação do epistolário inédito, Raul Leal terá conhecido Fernando Pessoa e os futuros componentes do grupo de *Orpheu* no final do ano de 1912 ou no início de 1913, após a publicação em fevereiro de *A Liberdade Transcendente*. O filósofo estabeleceria com estes relações, portanto, antes de, no outono seguinte, partir para Paris com o intuito de assistir à *première* do *Parsifal* de Wagner fora de Bayreuth, tendo permanecido na capital francesa durante alguns meses e desbaratando quase por completo a herança paterna. Durante esse período teve, contudo, o ensejo de contactar com as manifestações da vanguarda literária e artística da cidade e terá inclusivamente conhecido F. T. Marinetti e Gabrielle d'Annunzio.

No verão de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, Mário de Sá-Carneiro e Santa Rita Pintor regressaram a Lisboa, tendo o grupo de futuros colaboradores de "Orpheu" reunido na Cervejaria Jansen em outubro para as discussões preparatórias da revista, nas quais Raul Leal terá intervindo. Embora não tivesse colaborado em *Orpheu 1*, podemos verificar no número seguinte que estava destacado para uma das "conferências de afirmação" anunciadas para a *rentrée*, portanto, para setembro de 1915, intitulada "Teatro Futurista do Espaço". As restantes eram "A Torre Eiffel e o Génio do Futurismo" de Santa Rita Pintor, "Arte e Heráldica" de Manuel Jardim e "As Esfinges e os Guindastes: Estudo do Bi-metalismo Psicológico", de Mário de Sá-Carneiro. Nenhuma destas conferências seria, contudo, realizada.

À data de publicação de *Orpheu*, Raul Leal contava 28 anos e era o mais velho dos seus colaboradores, se excetuarmos um Ângelo de Lima, internado em Rilhafoles. Talvez por isso e pelo facto de não terem colaborado no primeiro

número de *Orpheu*, tanto um quanto outro não eram encarados por Almada Negreiros como figuras de proa da revista no artigo saído no *Diário de Lisboa*, “Um aniversário – *Orpheu*”, que celebrava a efeméride dos vinte anos da publicação e no qual afirma: “Tiveram colaboração extra o poeta Ângelo de Lima e o filósofo Dr. Raul Leal” (NEGREIROS, 1935: 1).

Devedora ainda em larga medida do decadentismo e do simbolismo finisseculares, fruto das leituras iniciais de Raul Leal que incluíam d’Annunzio, Wilde, Nietzsche, Schopenhauer e Nordau, a novela vertígica “Atelier”, com que contribui em *Orpheu 2*, terá levado Maria Aliete Galhoz a indicá-lo em conjunto com Ângelo de Lima no texto introdutório à reedição de *Orpheu* como “paúllico à margem do paúlismo” (GALHOZ, 1959: 32), ao passo que João Gaspar Simões o insere no grupo dos sensacionistas (SIMÕES, 1964: 252), a par com Pessoa, Almada e Sá-Carneiro.

A participação lealina no segundo número da revista terá sido eventualmente uma indicação de Fernando Pessoa, de que mais tarde este se terá arrependido. Isso mesmo ficou patente na troca epistolar entre os dois diretores de *Orpheu*, quando na discussão acerca da escolha dos colaboradores para o número 3, em carta enviada a 31 de agosto de 1915, Raul Leal mereceu do autor de *Céu em Fogo* a seguinte observação: “O limite da fraqueza deve ser a novela do Dr. Leal inserta no *Orfeu 2*. Daí para baixo nem... nem poemas interseccionistas de Afonso Costa” (SÁ-CARNEIRO, 2001: 204; 2015: 369).

Apesar das reservas colocadas por Sá-Carneiro ao valor literário de “Atelier”, o criador dos heterónimos aparentava ter Raul Leal em alta conta enquanto filósofo, embora a opinião sobre o valor do seu pensamento seja algo dúbria e apresentada a partir de paradoxos como, aliás, é típico de Pessoa: “É um systema que não é já, propriamente, uma philosophia: transcende a philosophia. [...] A propria incapacidade de se pensar esse systema é a capacidade de pensar esse systema. A impossibilidade de o explicar, explica-o. Não se poder definir – é essa a definição” (PESSOA, 2009: 319-320).

Monárquico antes de evoluir para a apologia de um Sindicalismo Personalista, em Leal opera-se uma “fusão integral, absoluta, de *comunismo*, *individualismo* e *fascismo*, elevados sublimadamente ao seu extremo” (LEAL, 1960: 52). Com a sua colaboração em *Orpheu 2* e com a produção e distribuição do manifesto *O Bando Sinistro – Appello aos Intellectuaes Portuguezes*, Leal adquiriu uma maior notoriedade, sendo prontamente arrolado no lote daqueles que produziam uma “literatura de manicómio astral” (O MUNDO, 1915c: 3).

Fiel aos seus princípios, o filósofo do Vertiginismo manteve-se intransigentemente à margem das convenções, na defesa de um valor mais alto, a sua grande obra vertígica, abdicando de uma vida conformista e burguesa marcada pela Matéria e o Ter, para realizar de forma definitiva a sua obra, o Espírito e o Ser. Terá sido exatamente esse temperamento rebelde e inconformista,



pouco dado a concessões, o que, noutra carta enviada a Pessoa, datada de 5 de novembro de 1915, levou o autor dos “Poemas sem Suporte” a afirmar relativamente a Raul Leal: “É muita pena que o rapazinho seja um pouco *Orfeu* de mais” (SÁ-CARNEIRO, 2001: 234; 2015: 413) e levou Gaspar Simões a apresentá-lo mais tarde como “caso de paranoia” pela obstinação do seu caráter (SIMÕES, 1974: 135).

### **Afonso Costa, o mais querido e o mais odiado dos portugueses<sup>3</sup>**

O *Ultimatum* inglês de 1890 foi a gota de água que fez transbordar o copo da política nacional no final do século XIX, gerando um descontentamento por parte da opinião pública e um agravamento da instabilidade governativa vivida durante a monarquia constitucional, que desbaratou por completo o erário público numa sucessão de escândalos, atingindo o regime um tal grau de degradação, que produziu as condições propícias para a sua queda.

Na sequência da ditadura de João Franco (1907-1908) e do regicídio que lhe vem pôr termo, D. Manuel II não logrou durante o seu curto reinado inverter o rumo que o país levava, o que culminou no crescimento do Partido Republicano Português nas eleições legislativas de 28 de agosto de 1910. Nestas, os republicanos aproveitaram a insatisfação de alguns setores da sociedade portuguesa e a descredibilização do rotativismo partidário monárquico para, numa primeira fase, fazer eleger 14 deputados para o Parlamento e, mais tarde, passar à ação, sendo a revolução gradualmente congeminaada com o apoio de *maçons* e carbonários, desembocando na proclamação da República no dia 5 de outubro de 1910.

Afonso Costa (1871-1937), advogado e professor universitário de Direito em Coimbra, foi membro destacado do Partido Republicano Português na Câmara dos Deputados ainda nos tempos da Monarquia. A enorme popularidade deste político nascido em Seia permitiu-lhe vencer eleição após eleição para o Parlamento desde 1906, ocupando o cargo mais alto do governo em três ocasiões distintas: 1913-1914, 1915-1916 e, finalmente, 1917, ano em que se viu forçado, no seguimento do golpe militar que redundou na ditadura de Sidónio Pais, a um exílio dourado em Paris que duraria até à sua morte em 1937.

Brilhante parlamentar, tornou-se o líder carismático do P.R.P. e vulto da República, sendo encarado como principal entrave aos anseios de restauração da monarquia. Conforme notou o seu biógrafo Oliveira Marques:

Foi, porventura, entre 1910 e 1930, o mais querido e o mais odiado dos Portugueses. O seu nome simbolizou toda uma política, mesmo um regime, até. Endeusaram-no como talvez ninguém neste país, desde D. Miguel e até Salazar. Como eles, tornou-se um mito, um

---

<sup>3</sup> Fórmula cunhada por A. H. Oliveira Marques na obra *Afonso Costa* (1972) para se referir ao estadista.

Messias, depois de ter sido arauto de uma situação e o estadista que, acaso, mais a radicou em sete anos apenas de acção intermitente, mas fecunda.

(MARQUES, 1972: 15)

Para além de ter participado no desenho da Constituição de 1911, Afonso Costa, em funções no cargo de ministro da Justiça desde a proclamação da República, esteve na origem de alguma da legislação mais importante para consolidação do regime republicano de que se destaca, por exemplo, a Lei do Inquilinato, a Lei da Família ou a Lei do Divórcio. Para além disso, com o intuito de impor definitivamente um republicanismo inspirado nos valores maçónicos e no jacobinismo francês, intentou, através da promulgação da emblemática Lei de Separação do Estado e das Igrejas (20 de abril de 1911), limitar de forma definitiva a influência da Igreja Católica na sociedade portuguesa. A reação dos setores tradicionalistas ao carácter anticlerical das leis promulgadas pelo Partido Republicano não se faria esperar, tornando-se o político beirão numa espécie de besta negra para estes – responsável máximo pela expulsão dos religiosos e pela extinção das ordens religiosas e mentor da criação de leis que punham em causa a família, a moral e os bons costumes, valores caros aos católicos.

Por sua vez, os monárquicos tentaram, sem sucesso, recuperar o poder – quer pela via das armas logo em 1911 (com as incursões monárquicas de Paiva Couceiro a partir da Galiza), quer pela via política (como sucedeu com a Causa Monárquica dirigida por Ayres d’Ornellas, apoiada no periódico *O Nacional*). Tendo a sua base tradicional de apoio na Província, os monárquicos gozavam do suporte de uma aristocracia que procurava conservar o seu estatuto e os seus privilégios, agora reclamados por uma burguesia apoiante dos republicanos e da Igreja Católica, a qual detinha ainda uma influência esmagadora nos meios rurais e conservadores.

Afonso Costa e os seus partidários não tiveram a arte de resolver as carências das classes trabalhadoras que gradualmente retiraram o apoio à sua governação. As manifestações e greves multiplicaram-se por todo o país, consequência das péssimas condições de subsistência, do excessivo número de horas de trabalho, das altas taxas de desemprego, do aumento do custo de vida e da inflação galopante, sendo violentamente reprimidas pelo líder do Partido Democrático, prontamente apelidado de “Racha-Sindicalistas”.

A instabilidade política vivida durante a monarquia constitucional manter-se-ia mesmo durante o regime republicano e somente dois anos volvidos sobre a revolução do 5 de outubro, viria inclusivamente a gerar uma cisão do Partido Republicano Português em três fações distintas. Este passaria, então, a denominar-se Partido Democrático, sob liderança de Afonso Costa e formaram-se dois novos partidos, o Evolucionista (António José de Almeida) e a União Republicana (Brito Camacho), apoiados nos órgãos de imprensa *O Mundo*, *República* e *A Luta*, respetivamente.

A República com a sua promessa de democracia e igualdade não logrou a mudança de mentalidades que se impunha, nem por parte dos governantes nem dos governados. A gradual consciencialização de que o sistema republicano não seria substancialmente diferente do monárquico levou a um sentimento de desilusão, sentimento esse que decorria do facto de o país se mostrar claramente ingovernável. Com efeito, durante a Primeira República (1910-1926), desfilaram pelo parlamento português quase cinco dezenas de governos, sensivelmente à razão de três por ano.

O ambiente de permanente crispação política constituía um óbice ao necessário ímpeto reformista, pelo que alguns setores da sociedade portuguesa ambicionavam um hiato na democracia parlamentar, cabendo à direita conservadora chamar a si a incumbência de tentar instaurar um regime antiparlamentar pela via do golpe de estado.

A ditadura do General Pimenta de Castro é uma dessas tentativas de reagir ao domínio do Partido Democrático e do seu líder. Encabeçado por altas patentes do Exército, o Movimento das Espadas teve o seu início em 20 de janeiro de 1915, repercutindo-se na demissão do governo do primeiro-ministro Azevedo Coutinho e na nomeação de Pimenta de Castro para ocupar todas as pastas do novo governo. Apoiado não apenas por monárquicos e católicos, mas também pelas fações republicanas adversas ao partido de Afonso Costa, este regime ditatorial teria, no entanto, curta duração, de 25 de janeiro a 14 de maio de 1915, data em que seria deposto com a ajuda da Carbonária, numa revolta de contornos especialmente sangrentos nas ruas da capital, assumindo novamente o Partido Democrático as rédeas da governação.

Era este o estado de coisas vivido antes da saída do manifesto *O Bando Sinistro*<sup>4</sup>.

### Diligências para a publicação do manifesto

Em finais de março de 1915, saiu dos prelos o primeiro número de *Orpheu* e a receção dedicada pelos jornais seria retumbante, levando Fernando Pessoa em carta a Armando Côrtes-Rodrigues datada de 4 de abril a afirmar triunfalmente: “Somos o assunto do dia em Lisboa” (Pessoa, 1998: 161).

Logo no artigo d’*A Capital* datado de dia 30 de março, “Litteratura de Manicomio”(A CAPITAL, 1915f: 1), os jovens de *Orpheu* seriam reputados de casos de psiquiatria, citando o jornalista para o efeito, e pela primeira vez, o estudo *Pintores e Poetas de Rilhafolles* (1900)<sup>5</sup> de Júlio Dantas. A partir daqui, o motivo da

---

<sup>4</sup> Para um enquadramento geral sobre os acontecimentos do ano de 1915, cf. BARRETO (2015).

<sup>5</sup> Trata-se da dissertação inaugural apresentada e defendida pelo autor perante a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa a 6 de julho de 1900.

loucura foi glosado até à exaustão<sup>6</sup>, com o próprio médico-psiquiatra a distanciar-se deste tipo de crítica, ao afirmar numa das suas crónicas semanais na revista *Ilustração Portuguesa* (DANTAS, 1915: 481), que os colaboradores de *Orpheu* apenas queriam visibilidade, tentando impor-se no panorama literário português através da provocação. Dantas acertara nesse seu diagnóstico às intenções dos órficos, uma vez que a atitude foi cultivada pelos próprios diretores da revista e por alguns dos seus colaboradores, que terão decidido prosseguir na senda do escândalo, com a inclusão de Ângelo de Lima, poeta internado há vários anos no Hospital Psiquiátrico de Rilhafoles, o que deu azo a uma reação imediata por parte da imprensa.

Enquanto *Orpheu 1* denotava preocupações de ordem meramente estética, no segundo número saído em finais de junho, verificou-se a substituição de um ideário decadentista-simbolista por um mais vanguardista. A acrescentar a isso, a revista adquiriu indiretamente uma feição política, no seguimento da colaboração de Fernando Pessoa n' *O Jornal de Boavida Portugal*, com seis "Crónicas da Vida que Passa", vindas a lume de 5 a 21 de abril de 1915, tendo a última contribuição sido considerada insultuosa para os monárquicos e determinado a decisão de Boavida Portugal e Barahona Fragoso de afastarem Pessoa do periódico no dia 22 de abril.

No entanto, foi a produção do manifesto *O Bando Sinistro* assinado por Raul Leal enquanto "collaborador de *Orpheu*", secundada pela carta do engenheiro sensacionista Álvaro de Campos ao periódico *A Capital*, que maior celeuma viria a levantar pelos matizes políticos que emprestou a um escândalo já fortemente instalado desde o primeiro momento, provocando repercussões no seio do próprio grupo de *Orpheu*.

A carta enviada por Santa Rita Pintor a Raul Leal, publicada em 1959 na revista *Tempo Presente* a acompanhar o artigo de "A ética pessoal dignificadora de Santa Rita Pintor", coloca em evidência as *démarches* para a publicação do manifesto, na qual desempenhou papel preponderante o artista, assumido monárquico:

Foi o mesmo Guilherme Santa-Rita, meu Grande Amigo e admirável Artista, que entusiásticamente trabalhou para conseguir a publicação clandestina do meu violento manifesto literário *O Bando Sinistro* contra a seita pseudodemocrática de Afonso Costa, logo a seguir ao famigerado 14 de Maio, manifesto que eu próprio despejei audaciosamente da galeria do antigo Martinho.

(LEAL, 1959: 18)<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Para uma visão panorâmica da sucessão de artigos sobre *Orpheu*, cf. JÚDICE (1986) e PESSOA (2009).

<sup>7</sup> Dada a escassez de referências e o facto de o epistolário de Raul Leal referente à época se manter inédito, não logrei confirmar os dados referentes à publicação (Barcelona, Prensa Libertad – Calle de los Angeles) ou qual o envolvimento de Santa Rita Pintor, que aparentemente se encarregou dos preparativos da edição entregando o trabalho a uma tipografia espanhola para evitar represálias

Ainda da leitura dessa carta resulta evidente que a publicação vinha sendo preparada por Raul Leal no maior secretismo provavelmente desde a queda da ditadura de Pimenta de Castro em 14 de maio de 1915: “Manda-me dizer o Sá Carneiro que o Leal lança efectivamente o manifesto à rua na qualidade de colaborador do “Orpheu”: afigura-se digno do todo o elogio o seu propósito que me alegra muito e muito” (LEAL, 1959: 21).

A utilização do vocábulo “efectivamente” indicia que a decisão de Raul Leal seria do conhecimento dos diretores da revista e de pelo menos alguns dos restantes companheiros órficos e que teria havido, com efeito, alguma polémica mantida em torno desta questão, verificando-se uma divisão entre os que desejavam dar mais visibilidade a *Orpheu* e extrapolar para uma ação ainda mais abrangente, aspeto que poderá ser inferido da intervenção posterior de Álvaro de Campos, e os que, como Mário de Sá-Carneiro, por receio das consequências, pretendiam manter a revista no campo estético e não a transportar para o político. Para além disso, o maior financiador dos projetos literários do autor de *Céu em Fogo* era o pai, o engenheiro do exército Carlos Augusto de Sá-Carneiro, o qual estaria na dependência direta do regime republicano, por se encontrar em Lourenço Marques no exercício das suas funções de diretor dos portos e caminhos-de-ferro, pelo que por certo não queria ver o seu nome ligado a tão polémica empresa.

Ora, a carta de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa datada de 25 de março de 1913, indica que embora as preocupações do primeiro se cingissem ao campo literário e artístico, aquele aparentava concordar com a posição do amigo na crítica a Afonso Costa e inclusivamente apoiaria a sua decisão de conceber uma série de folhetos de cariz político em parceria com Domingos Garcia Pulido: “Aprez-me muito o surgimento desse folheto “Jogo Franco” de você e Pulido. Faz-se muito sentir a necessidade duma publicação dessas. Mas estimaria que saíssem de vez em quando da política para a Arte” (SÁ-CARNEIRO, 2001: 60; 2015: 119). A pequena objeção final do autor de *Princípio* derivava do facto de postular uma arte pela arte, devendo a ação dos intelectuais, na sua perspetiva, restringir-se tão-somente ao campo estético, sob pena de desvalorização. O autor defendia uma Arte maiusculizada concebida por espíritos superiores, sem inquietações mundanas, face ao pragmatismo burguês imediato duma política terra-a-terra, do quotidiano banal.

Ao tomar-se em linha de conta o Diário pessoano de 1913, na entrada referente a 11 de março, verificaremos que Pessoa e Garcia Pulido assumiam partir

---

por parte dos republicanos. Por outro lado, levanto aqui a hipótese de se tratar de um expediente de cripto-edição e de o manifesto ter sido eventualmente impresso em Portugal, até porque passadas quase cinco décadas Raul Leal afirmaria: “Com respeito à “liberdade de imprensa” devo confessar que tendo eu lançado “O Bando Sinistro” contra Afonso Costa, tive de procurar uma tipografia que clandestinamente o imprimisse” (LEAL, 1961: 3).

de “um comum ponto de vista – republicano, anti-afonsista, anti-socialista” (PESSOA, 2003: 213).

A iminente distribuição do manifesto é encarada por Santa Rita Pintor como “encargo difícil e perigoso”, pelo que recomenda cautela a Raul Leal. Depreende-se da carta-aviso, datada do dia 30 de junho<sup>8</sup>, uma quarta-feira, numa altura em que o manifesto já se encontrava impresso, que a questão terá provocado no seio do grupo um misto de expectativa e de apreensão quanto às eventuais repercussões desse ato: “Este negócio tem que se lhe diga, meu caro Leal; podem fazer-lhe uma partida estúpida que causaria uma grande contrariedade a todos nós, seus amigos, colaboradores do “Orpheu” e enfadados inimigos do Costa” (LEAL, 1959: 21).

Estes “enfadados inimigos do Costa”, quer se assumissem como monárquicos ou como republicanos anti-afonsistas, estariam sem dúvida cientes do perigo envolvido nessa empresa. Com efeito, a Formiga Branca, nome pelo qual era conhecida a milícia secreta empenhada na defesa do Partido Democrático, braço armado responsável por todo o tipo de malfetorias concebível aos seus adversários políticos, reprimia violentamente qualquer infâmia que tivesse como destinatário o líder, Afonso Costa, facto ao qual não era alheio Fernando Pessoa que em “Oligarquia das Bestas” fez a seguinte observação: “Não podendo (A[fonso] C[osta]) fazer mais nada, é homem para mandar assassinar. Tudo depende do seu grau de indignação” (PESSOA, 1979: 173; cota BNP/E3, 130-13<sup>r</sup>).

Bastaria lembrar o que sucedeu, por exemplo, a Sampaio Bruno em 1902, conforme nos relata o próprio no capítulo “Agressão” da sua autobiografia, fazendo uso das transcrições de artigos de jornais da época como “Agressão traiçoeira – Tentativa de homicídio pelo dr. Afonso Costa na pessoa do sr. José Pereira de Sampaio (Bruno)” saído no portuense *Voz Pública* de 12 de janeiro (SAMPAIO, 1957: 89).

Assim, na sequência do Congresso Republicano de Coimbra, em carta publicada nesse periódico a 9 de janeiro de 1902, Sampaio Bruno declarou-se opositor da linha definida pelo Diretório Republicano para a reorganização do partido, taxando-a de “anti republicana”, “facciosa e absolutista” (SAMPAIO, 1957: 89). Desagradado com o facto, passados dois dias, Afonso Costa acompanhado de cerca de vinte indivíduos da Formiga Branca, agrediu o publicista portuense com um “box” de ferro quando este descia a rua Sá da Bandeira, o que originou uma verdadeira onda generalizada de censura dada a estima de que Sampaio Bruno gozava na cidade (SAMPAIO, 1957: 89).

Tanto o sucedido a Sampaio Bruno e outros inimigos políticos de Afonso Costa, como a narração dos desmandos da Formiga Branca que começara a ser

---

<sup>8</sup> No artigo de *Tempo Presente*, a carta vem datada de 30-08-1915, lapso aliás já anteriormente apontado por Nuno Júdice em *A Era de Orpheu*. Santa Rita Pintor teria enviado a carta a Raul Leal no dia 30 de junho, uma quarta-feira, ao passo que a distribuição do manifesto decorreria no dia 3 de julho, um sábado, o que coincide com a descrição feita pelo jornalista em “Muito... Paulíco – Literatura de Manicómio Astral” (O MUNDO, 1915c: 3).

dada à estampa pouco tempo antes da publicação de *Orpheu* (ROCHA JÚNIOR, 1915), seriam do conhecimento de um público mais ou menos abrangente. Esse medo de represálias para as quais alertara três dias antes Santa Rita Pintor terá sido o que ditou, na tarde de sábado, 3 de julho, que Raul Leal distribuísse o manifesto no comboio da linha de Cascais e à noite o lançasse das galerias do Martinho no Rossio, conforme é testemunhado pelo próprio:

Quando todos, apavorados com a revolução de 14 de maio, evitavam a acção política, eu proprio das galerias do Martinho e nos comboios lancei o meu manifesto “O Bando Sinistro” em que o Costa e a sua quadrilha eram castigados com toda a violencia. *Precisamente* á hora em que o chefe saltava pela janella d’um electrico eu espalhava no café o meu manifesto que tive de mandar imprimir em Hespanha por não encontrar typographia que acceitasse esse trabalho. E foi por não saber se a creatura estava moribunda que não desenvolvi ainda mais o meu gesto soberano. Assim entrei, na politica monarchica.

(LEAL, 1918: 2)

A condenação por Raul Leal do afonsismo presente em *O Bando Sinistro* constitui, assim, a primeira intervenção de natureza política por parte do escritor e marca a sua estreia na defesa dos ideais monárquicos. Ao longo de cerca de duas décadas, sensivelmente até ao golpe de estado levado a cabo por Gomes da Costa em maio de 1926 que abriria portas a quase cinco décadas de ditadura, Raul Leal teria uma atividade fecunda em prol da restauração da Monarquia, utilizando os jornais como veículo para a sua intervenção política, principalmente nos anos 20, em que escreve artigos para *O Liberal* (1917-18), *O Tempo* (1922), *A Palavra* (1922), *Correio da Noite* (1924-26), *A Reacção* (1925), *Sintra Regional* (1926) e *O Rebelde* (1927), entre outros. Para além disso, assume-se como revolucionário apoiante dos movimentos militares do 18 de abril de 1925 (General Sinel de Cordes, entre outros) e do 19 de julho de 1925 (Comandante Mendes Cabeçadas), balões de ensaio do 28 de maio (General Gomes da Costa).

### ***O Bando Sinistro*, o quasi-inédito manifesto anti-Costa**

A ditadura do General Pimenta de Castro gerara as condições favoráveis à difusão da propaganda antirrepublicana de que o manifesto *O Bando Sinistro* de Raul Leal é um excelente exemplo, dando um fugaz impulso à causa monárquica. Neste interregno do domínio do Partido Democrático, a imprensa monárquica aproveitaria para desferir ataques violentos e sistemáticos a figuras do regime republicano. A própria escolha do título do manifesto – *O Bando Sinistro* – obedece à lógica e ao estilo da propaganda política da altura, sendo paradigmática deste tipo de guerrilha que se travava entre campos opostos.

No anteriormente citado artigo de *Tempo Presente*, Raul Leal exprime o seu ponto de vista sobre o posicionamento político de *Orpheu*, afirmando que a maioria

dos colaboradores teria tendências monárquicas – o que não parece ser o caso – e clarifica os motivos de tão controversa estreia no panorama político nacional:

Quase todos nós, artistas e pensadores de Orfeu, tínhamos fortes tendências monárquicas, ainda que, pelo que me diz respeito, também sublimadamente libertárias. Acima de tudo, éramos nobres amantes da Ordem Espiritual através da vertigem duma vida sempre digníssima, abominando todas e quaisquer abjecções. Oxalá que todas as almas modernas dos jovens artistas seguissem continuamente as nossas profundas doutrinas tão estéticas como éticas em pura vertigem de Deus e do Além!

(LEAL, 1959: 21)

“Amante da Ordem Espiritual”, compôs, assim, o manifesto *O Bando Sinistro* que constitui um libelo contra a República simbolizada por Afonso Costa, encarado como líder de um bando – palavra normalmente utilizada para designar uma associação de bandidos, ladrões e malfeitores de toda a espécie, sendo este qualificado como “sinistro”, o que amplia a negatividade contida em “bando”.

A argumentação de Raul Leal assenta em pressupostos comuns aos de adversários políticos do estadista, como os que Francisco Manuel Homem Christo, inimigo figadal de Afonso Costa, desenvolvia em *Banditismo Político – A Anarchia em Portugal*. Com esta obra, o autor intentou desmontar o regime republicano logo nos primeiros anos da sua implantação, através de uma crítica sistemática, dando voz ao que seria o sentimento crescente de uma fatia da população portuguesa. Entre acusações de que Afonso Costa batia na mãe (HOMEM CHRISTO, 1912: 796), era ladrão (797) e era pior que Marat e Robespierre (814), o jornalista e deputado aveirense afirmava: “Era por meio da inveja, sim, e da ingratidão que elle se havia d’engrandecer. Era por meio do odio que elle se havia de fortificar. Era com lama, pus, sangue, vilanias, miserias e infamias de toda a ordem que elle se propunha reformar e organizar, *politica e economicamente*, a sociedade portuguesa” (814). Por fim, Homem Christo retrata o político beirão como “um louco, é um louco grotesco, um simples malvado, um criminoso baixo, reles, brutal, com instintos e manifestações de hyena” (815).

A análise de Raul Leal estabelece um paralelo entre a situação vivida em Portugal no seguimento do regicídio (1908) e da proclamação da República (1910), com o sucedido durante a Revolução Francesa na qual a nossa se inspirou. A crítica advém do facto de esta ter facultado ao povo um acesso ao poder até então vedado, comparando Afonso Costa a Marat, defensor dos direitos das classes mais desfavorecidas da sociedade durante a Revolução Francesa e crítico acérrimo dos privilégios dos nobres e da Monarquia. No entender do teorizador do “Super-Estado”, o regime republicano usurpou o poder aos seus legítimos donos, os monárquicos. A situação vivida no país após a proclamação da República, constituía, deste modo, um abastardamento, uma Idade de Lodo, face a uma Idade de Ouro, a vivida durante a Monarquia.



Daí que Raul Leal classifique o regime saído da revolução do 5 de outubro de ilegítimo, uma vez que deriva não apenas do regicídio e da morte do herdeiro ao trono, mas também da posterior tomada do poder pela força das armas, que levaria à abdicação de D. Manuel II e subsequente fuga da Ericeira em trânsito para Gibraltar e, finalmente, para Inglaterra, onde o rei morreria em 1932 no seu refúgio de Twickenham.

A supressão de liberdades era vista por Raul Leal como algo necessário, com o intuito de desalojar os republicanos do poder e, ao mesmo tempo, pôr um travão na instabilidade governativa vivida durante a Primeira República, devolvendo Portugal ao patamar de nação cimeira que tinha atingido por direito próprio. Daí a necessidade de apostar em governos antiparlamentares que, na perspectiva do autor, justifica a adesão inicial de alguns dos colaboradores de *Orpheu* aos regimes de Pimenta de Castro, Sidónio Pais ou Oliveira Salazar – do mesmo modo que, na Itália, Marinetti se tinha convertido ao “fascismo organizador contra o caos psicossocial” (LEAL, 1959: 21).

O teor de crítica aplicada ao democrata Afonso Costa é o mesmo que Raul Leal reservaria mais tarde a Homem Christo Filho, num artigo saído no jornal monárquico *O Liberal*, em que critica a sua retirada da política monárquica para apoiar Sidónio Pais. Verdadeiro camaleão político num percurso que vai do anarquismo ao fascismo, Homem Christo Filho renunciou em 1918 à causa monárquica à qual era fiel quando conviveu com Raul Leal em Paris quatro anos antes. Raul Leal explica então o porquê de o jornalista e diretor da revista monárquica *A Ideia Nacional* (1915-16) ter optado pelo sidonismo:

Deus não o inunda de Omnipotencia-Além, de abysmicoVacuo-Abstração de Espirito...

Homem Christo, filho, retirando se, dá bem a entender que a causa monarchica para elle é simplesmente a causa da Ordem – é o que se deduz das suas palavras –, não distinguindo pois a Ordem naturalista que qualquer republica póde encarnar, a republica bonapartista, por exemplo, da Ordem sobrenaturalista qua vem de Deus e que só as Monarchias Sagradas do Christianismo podem exprimir. N’aquella tudo é Vida, Terra, tudo é Opacidade, n’esta sente-se, vive-se Além, pura Transparencia-Abysmo de Abstração-Anímico, de Abstração-Deus. N’uma tudo é Determinismo cégo, mechanic, na outra sente-se o infinito Livre Arbitrio Divino, sente-se Animico, sente-se Deus! Uma é um plano chato, a outra um abysmo astral...

E é só a Ordem terrena, opaca, a Ordem naturalista que Homem Christo, filho pode comprehender, sendo por isso que prefere agora o sr. Sidonio Paes a El-Rei! É logica a sua attitude...

(LEAL, 1918: 1)

Neste artigo, Raul Leal contrapõe a legitimidade naturalista dos republicanos, de ordem terrena, obtida, numa primeira fase, por meios revolucionários e, depois, por sufrágio popular, à legitimidade sobrenaturalista

dos monárquicos, de ordem divina, por desígnio superior que depositou o poder nas monarquias dinásticas europeias, entre as quais a de Bragança.

O manifesto *O Bando Sinistro* de Raul Leal parte, então, de uma tese inicial: “Portugal vive hoje um pesadelo enorme de lama e de sangue!” (cf. LEAL, 1915; em anexo). Ao proclamar a República em 1910, desafiando a ordem imposta por Deus, o bando sinistro de Afonso Costa incorrera na Sua ira e libertara as pragas bíblicas sobre Portugal, tornando-o num pântano povoado de “monstros repugnantes do Extremo Oriente” e “repteis vampirizados” que inspiram na alma dos portugueses “ancias sinistras de chacaes”, “evocações purulentas de pantanos”, “tragicas chiméras do mundo medieval”, “ansiedade de dôr” ou “inquietantes presentimentos de morte”.

Deste modo, o texto apresenta uma visão maniqueísta da realidade política portuguesa e encontra-se assente na exploração destes dois campos opostos, sendo a Monarquia conotada com o Bem e, por antítese, a República, com o Mal, sendo-lhe associadas expressões do campo lexical da Morte e da Doença, como “vómitos de sangue”, “escarros negros de peste”, “fétida baba”, “trevas lamacentas”, “pantano”, “lodo”, território propício a “crimes aviltantes” e “vilezas sinistras”.

Conforme daqui se depreende, a linguagem utilizada pelo autor apresenta marcas quer da literatura decadente-simbolista, fruto de leituras da obra de autores como Wilde, Huysmans, Barbey d’Aurevilly, Baudelaire, Gauthier, etc., quer da terminologia marcial e bélica que, com o início da Primeira Guerra Mundial, se tornou numa constante nos jornais e panfletos da época também para abordar questões de índole política. O subtítulo do manifesto – “Appello aos Intellectuaes Portuguezes” – desvela à partida o objetivo do seu autor: consciencializar os intelectuais para a necessidade de unir esforços e combater em prol da monarquia, fazendo parte duma espécie de exército do Bem, numa luta armagedónica com os republicanos até à vitória final dos Espíritos superiores, momento em que, em Vertigem, se reentraria na senda do Ideal, novamente atingindo a Luz e a Liberdade. Este manifesto afigura-se como um toque a reunir, um arregimentar dos intelectuais portugueses para o que na crença de Raul Leal constitui uma obrigação: a revolta face a uma situação momentânea que segundo o autor “tragicamente avilta e ignobilisa o genio divino de Portugal”.

Os intelectuais adquirem, assim, um papel determinante nesta batalha apocalíptica em prol da restauração da glória antiga, sendo denominados neste apelo de “Almas livres” e “Espíritos nobres”, responsáveis por ilustrar a vida com “pensamentos elevados [...] iluminando o mundo”, por oposição aos republicanos, que cumulam tudo o que existe de negativo.

O “inferiorismo d’alma” republicano, alicerçado numa materialidade debilitadora que privilegia a busca constante do lucro e não o desenvolvimento da sua componente espiritual, transforma-o em “escravo natural”. Na comparação entre D. Carlos e Afonso Costa, este último sairia decididamente a perder por ser

desprovido da “grandeza natural de Espiritos que não poderia atingir por ter alma naturalmente, abjetamente inferior”. A conclusão de Raul Leal é que não pode almejar a governar convenientemente um país aquele que vive de cadeias apertadas e se encontra limitado pelas “peias agrilhoantes da fome e da miséria [...] producto da sua absoluta incapacidade de espirito”, sendo, pois, comparado a uma “aranha corpolenta, debatendo-se na teia aprisionadora que ella própria cria”.

“Republicano” é, neste manifesto, sinónimo de “jacobino”, “plebeu” e “elemental de lodo”, constituindo a raiz de todos os males que afligiam Portugal neste momento da sua História, pelo facto de se ter guindado a uma posição para a qual se mostra insuficientemente preparado, consequência do seu inferiorismo d’alma: “O genio jacobino é d’uma negrura esverdeada, porque é o genio da lama, da podridão! A revolta d’elle é uma revolta de inveja sinistra, e a revolta do pária esfomeado contra a luz do Espirito que as trevas da sua alma jamais poderá illuminar.”

Neste sentido, o manifesto de Raul Leal apresenta muitos pontos em comum com um conjunto de textos de Fernando Pessoa, reunidos sob a designação de “Oligarquia das Bestas”, porventura fruto de acaloradas trocas de impressões às mesas dos cafés sobre o estado de coisas vivido no país. Se acaso aqui cotejo estes dois textos a razão é que poderão ser considerados complementares, diferindo, contudo, no que diz respeito ao tom da diatribe, afigurando-se muito mais violenta a pessoana, pelo recurso a vocábulos grosseiros e vernáculo, o que dá bem conta do desprezo a que votava Afonso Costa. Esta figura republicana era mesmo, a par com Alfredo Pimenta, um dos ódios de estimação de Fernando Pessoa que produz o texto como esconjuro, como forma de passar para o papel a sua raiva, uma vez que a sua natureza violenta tornaria por certo o texto impublicável, exceto de forma clandestina, pelo menos enquanto o Partido Democrático detivesse as rédeas do poder político.

O principal argumento de Fernando Pessoa para este ataque à República baseia-se no pressuposto que os seus governantes eram incapazes em termos intelectuais, reduzindo a linha por estes seguida à fórmula expressa por Álvaro de Campos no “Ultimatum”, publicado pela primeira vez em *Portugal Futurista* (1917): “Agora a politica é a degeneração gordurosa da organização da incompetencia” (PESSOA, 2009: 250).

Neste seu diagnóstico da vida política nacional, Fernando Pessoa classifica os republicanos de: “Lama de portugueses, esterco de gente, sem uma ideia grande nem um sentimento generoso [...] Sub-homens” (PESSOA, 1979: 181; cota BNP/E3, 130-39<sup>r</sup>). Em particular, Afonso Costa, líder dos republicanos e responsável máximo por essa “oligarquia das bestas” tem um tratamento preferencial, sendo apelidado de “perfeito tipo do salteador político”, “escroque-nato” (175), “mero passeio de vista baixo”, “capão de alma”, “carimbiborrão de quem o pariu” ou “jesuíta vermelho” (176), o que merece de Pessoa, enfim, a conclusão: “Que te há-

de um português chamar, ó merecedor de termos para que ainda não há nenhuns conceitos? [...] pulha, bandido, pernicioso, □ — como todos estes termos falham ante o teu merecimento de insultos, oh hiper-tudo-isto!” (PESSOA, 1979: 176; cota BNP/E3, 130-23a<sup>v</sup>).

Fernando Pessoa crítica a mediocridade intelectual de Afonso Costa, apresentado no texto pessoano como tendo um espírito legalista e seco, impreparado para as exigências da governação: “O talento em A.C. é pequeníssimo, a cultura nenhuma, a erudição parca e não assimilada” (PESSOA, 1979: 174; cota BNP/E3, 130-16<sup>v</sup>). Logo, este não reuniria na sua perspetiva as qualidades necessárias para redimir Portugal, assumindo-se como um estadista de vistas curtas, um provinciano que procurava satisfazer as clientelas que se reuniram em torno da República e que nalguns casos eram as mesmas da monarquia, uma vez que a alta burguesia oportunista não hesitou em se bandear para o lado que melhor lhe convinha, com o intuito de manter os seus privilégios e investimentos, guindando-se a lugares de destaque em função dos bens materiais que lhe garantiam dignidade social<sup>9</sup>. O facto de estar prisioneiro da Matéria impediria o republicano de atingir relevo espiritual, o que suscita por parte de Pessoa a seguinte questão: “Mas como pode ser libertador um pobre idiota que nunca se libertou a si de coisa alguma?” (PESSOA, 1979: 175; cota BNP/E3, 130-23<sup>r</sup>).

Como forma de responder ao carácter medíocre dos republicanos, Pessoa acabaria por desenvolver uma “Teoria da República Aristocrática” (PESSOA, 1980: 335-341), proposta tendente a resolver a questão da República Velha. Esta instituição utópica prevê o governo por uma “oligarquia dos melhores” (PESSOA, 1980: 337), que congrega a aristocracia de espírito, o escol intelectual da época na qual o escritor se inseria, liderada por um predestinado, um Redentor corporizado, por exemplo, em Sidónio Pais. Este líder forte que era encarado por Pessoa como a síntese perfeita dos regimes republicano e monárquico, seria a sua fonte de inspiração para o conjunto de poemas “À Memória do Presidente Sidónio Pais”, saído no n.º 4 do jornal *Acção* no dia 27 de fevereiro de 1920 e republicado em 1940 com o título “À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais”.

Neste, como noutros pontos, o pensamento de Leal e Pessoa são coincidentes: apenas os espíritos superiores poderiam resgatar o país do lamaçal em que se encontrava, pelo que a única resposta adequada seria a instituição de uma oligarquia dos intelectuais por oposição à das bestas, a da República. Daí a necessidade urgente de estes se reunirem em torno de um desígnio comum de importância fulcral, o retorno a uma Idade do Ouro vivida na época dos Descobrimentos e da expansão portuguesa, o que na perspetiva do autor de

---

<sup>9</sup> Mais tarde, já em pleno salazarismo, pese embora não apoiando Afonso Costa e continuando a considera-lo pouco capaz em termos intelectuais, Fernando Pessoa concede, no entanto, que durante a sua governação este cumpriria as promessas feitas, algo de incomum num estadista (PESSOA, 1979: 119).

*L'Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit* apenas se tornaria uma realidade “brandindo o cutelo da Maldição” com o fito de expulsar os republicanos agora no poder.

Com a produção deste manifesto, Raul Leal lança, assim, um poderoso anátema contra o bando sinistro de Afonso Costa, assumindo desde logo uma feição profética que o acompanhará de forma patente a partir de 1917, ano em que influenciado pela leitura de *Là Bas* de Joris-Karl Huysmans adotaria o pseudónimo bíblico de Henoch.

### **“Qual é coisa, qual é ella / que entra p’la porta e foge p’la janella”<sup>10</sup> – O acidente de Afonso Costa**

Deslumbrado que era pelo ocultismo desde muito jovem, ao ponto de ter inclusivamente desenvolvido o seu próprio sistema, a interpretação biomântica, exposto num conjunto de artigos no *Diário Ilustrado* datados de 1962, Raul Leal não teria dúvidas em atribuir à mão do Destino a incrível coincidência de a distribuição do manifesto e o acidente de Afonso Costa terem ocorrido no mesmo dia.

Nas eleições legislativas de 13 de junho de 1915, ao obter uma maioria absoluta tanto na Câmara de Deputados como no Senado, e ao eleger Bernardino Machado para Presidente da República, o Partido Democrático conseguiu uma retumbante vitória, vitória essa que o seu líder, Afonso Costa, não teria, no entanto, ensejo pleno de saborear. Com efeito, no dia 3 de julho, ainda antes da cerimónia da tomada de posse como primeiro-ministro indigitado, à saída de um jantar com amigos e familiares, Afonso Costa apanhou às 22h45 o carro elétrico n.º 355 para o Dafundo com o irmão Arthur Costa e os correligionários Germano Martins, António Tudella e José Tavares. Quando o carro elétrico passava pela Rocha do Conde de Óbidos, na rua 24 de julho, um curto-circuito terá provocado uma violenta explosão seguida de incêndio. O estrondo gerou o pânico no líder do Partido Democrático, que já antes escapara a um atentado a tiro no Porto (21 de fevereiro). Este recebera nesse mesmo dia a notícia de que os seus opositores planeariam outra investida, enquanto almoçava a bordo do cruzador Vasco da Gama. Daí que, julgando tratar-se de uma nova tentativa de pôr cobro à sua vida, o arrojado estadista abandonou o carro elétrico em marcha, lançando-se pela janela em direção ao pavimento e daí resultando um traumatismo craniano que o colocou às portas da morte.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Versos da estrofe XXXIII de *Affonseida – Poema Heroe-Comico* (MEDEIROS, 1925: 56).

<sup>11</sup> O estadista permaneceria em convalescença na sua residência a partir de 24 de julho e apenas tomaria as rédeas do seu segundo governo, acumulando novamente o cargo nas Finanças, a 29 de novembro, na sequência do seu completo restabelecimento, tendo até então ocupado o seu lugar José de Castro. Este governo duraria apenas quatro meses, até 15 de março de 1916, momento em que foi substituído no cargo de primeiro-ministro por António José de Almeida.

Após o acidente, face à enorme comoção dos apoiantes do líder do Partido Democrático que afluíram ao Hospital de São José, a imprensa republicana fornecia atualizações diárias do boletim clínico do acidentado, ao mesmo tempo que publicava listas intermináveis dos visitantes que se queriam inteirar do estado de saúde do governante e enviaram cartas e telegramas a desejar o seu pronto restabelecimento.

Talvez devido ao método encontrado por Raul Leal para distribuir o manifesto, este teria passado praticamente despercebido, não fora o acidente a vitimar Afonso Costa. O periódico republicano *O Mundo*, afeto ao Partido Democrático, terá sido o único a reagir, através do artigo “Muito... Paúlco – Literatura de Manicómio Astral”. Neste, o articulista recupera o motivo da loucura anteriormente desenvolvido em várias recensões e artigos referentes a *Orpheu* e compõe a figura de Raul Leal de modo a expô-lo ao ridículo, apresentando-o como maníaco:

Era um rapaz dos seus 25 annos, vestido de preto, de cara rapada, exceptuando uma espécie de suíças à Afonso XII, que mal lhe encrespava ainda a face palida, ou antes, macerada de cor de leite estragado. Tinha um ar estatico, meio sonambulo, lembrando um seminarista fugido da cela ou uma criatura que perde a noite conversando com os deuses ou com o diabo nas encruzilhadas dos caminhos solitários.

(O MUNDO, 1915: 3)

A caracterização de Raul Leal feita neste artigo resultou do facto de ter lançado o manifesto enquanto “collaborador de Orpheu”, facto que já antes inspirara páginas e páginas de artigos a ridicularizar estes jovens que produziam uma literatura de manicómio, principalmente por parte dos jornais *O Mundo*, *A Capital*, *República* e *O Século Cómico*<sup>12</sup>. Esta personagem noturna descrita no artigo entrara na Parede no comboio das 15h40 com destino a Cascais, com o objetivo de distribuir o manifesto pelos passageiros, antes de se apear em S. João do Estoril, o que indicia, dada a estação em que entrou, que não teria sido este o primeiro comboio em que fizera a sua distribuição.

No artigo, o jornalista descreve a reação dos passageiros à leitura do texto que vai num crescendo até à gargalhada geral e escarnece da repetição dos vocábulos “peste, lodo, sangue, pus” ao longo do manifesto, bem como da excessiva maiusculização das iniciais, facto que também fora criticado nos “Poemas Inéditos” de Ângelo de Lima incluídos em *Orpheu 2*. Maria Aliete Galhoz no seu estudo introdutório à reedição de *Orpheu* aponta que o “exagero barroco-decadente da sua expressão foi entendido como uma pose” (GALHOZ, 1959: 20), o que terá de facto contribuído, a par da associação aos órficos, para que o manifesto não obtivesse o efeito desejado.

<sup>12</sup> Suplemento humorístico do jornal *O Século*, com saída às quintas-feiras.

Para além disso, com o intuito de ridicularizar não apenas o produtor do manifesto, mas também os restantes monárquicos, o jornalista levanta a hipótese de se tratar de propaganda germanófila anti-intervencionista, a contrastar com a determinação dos republicanos de entrar na guerra ao lado dos aliados para tentar manter as colónias ultramarinas. Para selar a sua sentença face ao jovem escritor, o crítico fecharia o artigo com uma pergunta: “O Sr. Dr. Júlio de Matos terá o manicómio arrombado?”.

Logo após o primeiro número da revista *Orpheu*, sob pretexto de alguns dos seus colaboradores se assumirem como monárquicos, verifica-se uma tentativa de colagem ao Integralismo Lusitano, com o objetivo de atacar esse movimento ao apresentar a revista como seu “órgão poético”, por referência à revista coimbrã *Nação Portuguesa* (1914-38, seis séries), dirigida por Alberto de Monsaraz, que se subintitulava “Revista de Filosofia Política” na sua 1.<sup>a</sup> série (n.º1, 8 de abril de 1915 – n.º 12, novembro de 1916) e ao matutino *O Nacional*, dirigido por Aníbal Soares, jornal apelidado por António José de Almeida em *República* de “órgão político”, (ALMEIDA, 1915a: 1 e 1915b: 1).

### Repercussões no seio do grupo de colaboradores de *Orpheu*

Não serão, contudo, estes artigos a despertar a ira de Fernando Pessoa, mas um outro, de tom chocarreiro, que anunciava uma récita paúlca alegadamente projetada pela rapaziada de *Orpheu* e que incluiria um “drama dinâmico (!) intitulado *A bebedeira*, representado por... pernas” (A CAPITAL, 1915d: 2). Como resposta, Fernando Pessoa enviaria no dia 6 de julho, uma carta ao Diretor de *A Capital*, Manuel Guimarães, assinada por Álvaro de Campos, “engenheiro e poeta sensacionista”, cujo conteúdo a redação aproveitou para a parangona “Antipathico futurismo – Os Poetas do “Orpheu” não passam afinal de criaturas de maus sentimentos”, de que apenas surgiu no periódico a transcrição de um excerto: “De resto seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo numa *hora tão deliciosamente mechanica em que a propria Providencia Divina se serve dos carros electricos para os seus altos ensinamentos*” (A CAPITAL, 1915c: 1).

Embora Afonso Costa tivesse inimigos em número abundante e motivasse ódios intensos em figuras destacadas da sociedade portuguesa como Francisco Rocha Martins, Carlos Malheiro Dias, António José de Almeida e, acima de todos estes, Francisco Manuel Homem Christo, poucos como Fernando Pessoa se atreveram a ter manifestações públicas de regozijo e a zurzir abertamente o estadista numa ocasião tão delicada.

Por conseguinte, o envio desta carta mereceu uma réplica imediata por parte d’*A Capital* e desencadearia uma reação enérgica por parte dos partidários de Afonso Costa e dos republicanos em geral, precipitando os acontecimentos

eapressando-se os restantes colaboradores do *Orpheu* a dessolidarizarem-se das tomadas de posição de Raul Leal e Álvaro de Campos.

Republicanos convictos e futuros titulares de cargos políticos, Alfredo Pedro Guisado e António Ferro<sup>13</sup> discordavam tanto das posições dos companheiros órficos monárquicos como dos republicanos anti-afonsistas, pelo que se afastaram da revista em carta enviada ao matutino republicano *O Mundo*, órgão de imprensa do Partido Democrático dirigido por França Borges, asseverando ser seus correligionários e repudiando qualquer solidariedade com Raul Leal e Álvaro de Campos que “[...] visaram a alta personalidade do Sr. Dr. Affonso Costa, por quem sentimos a maior admiração, e cujo estado actual muito nos preocupa”. (O MUNDO, 1915b: 2).

A carta foi enviada em simultâneo ao periódico vespertino *A Capital*, que dela deu eco no artigo “Ponto final... O caso do “Orpheu”, mas acrescentou à dessolidarização dos dois anteriores, uma carta de Mário de Sá-Carneiro a declarar, na qualidade de “director-gerente”, que as intervenções dos dois colaboradores da revista resultavam meramente a título individual e não eram corolário duma posição concertada, salientando o carácter apolítico de *Orpheu*:

Esta revista quero, da minha parte, que exerça uma acção exclusivamente artística, deixando eu de a gerir no mesmo instante em que me convencesse de que por inspiração ou por veleidade d’algum dos meus camaradas, ella pretendia ter “como revista litteraria” qualquer opinião politica ou social – definitiva ou colectiva.

(A CAPITAL, 1915b: 2)

Todavia, embora o autor de *Céu em Fogo* negue qualquer responsabilidade de *Orpheu* pelas afirmações expendidas, reconhece aos seus companheiros o direito de se apresentarem como colaboradores da revista.

Apesar do “ponto final” decretado pel’*A Capital* no título do artigo, a questão terá indubitavelmente causado alguma maçada a Sá-Carneiro e, conforme se poderá depreender do conteúdo da carta de 16 de julho de 1915, acarretou a sua “fugida”<sup>14</sup> para Paris no dia 11 de junho, mesmo sem o conhecimento do pai que se encontrava em Lourenço Marques.

<sup>13</sup> António Ferro, à data partidário de Afonso Costa e defensor da entrada de Portugal na Grande Guerra com o fito de manter as colónias africanas, mudaria de opinião, tornando-se dois anos volvidos apoiante de Sidónio Pais e, mais tarde, de Salazar. No artigo “O assassino da pátria”, Ferro inseriria o político de Seia numa “trindade de gémeos”, na companhia de dois outros Costas: Alfredo, um dos regicidas e José Júlio, o assassino de Sidónio Pais. Para o autor de *Leviana*, este é “o Costa maior” que anda a monte em Paris, é “[...] o dono da barraca, o que mexe os fantoches, o saltimbanco que exhibe, há um ror de anos, nesta feira sedição, uma trupe dramática de cómicos...” (FERRO, 1919: 1).

<sup>14</sup> Termo utilizado pelo próprio nas cartas de 13 de setembro e 2 de outubro (SÁ-CARNEIRO, 2001: 209 e 220; 2015: 378 e 394) para descrever a sua saída apressada de Portugal, apenas com conhecimento do melhor amigo, Fernando Pessoa.



Uma outra consequência resultante deste artigo foi a revelação a um grande público do facto de Álvaro de Campos ser “pseudonymo litterario” de Fernando Pessoa<sup>15</sup>, da responsabilidade de Almada Negreiros que se terá dirigido pessoalmente à redação do vespertino, afastando-se da polémica gerada e afirmando, à guisa de desculpabilizar a atitude do seu companheiro de *Orpheu*, que este redigira a carta enviada ao jornal em estado de embriaguez.

Terá sido a revelação do autor de “Frizos” a colocar inadvertidamente Fernando Pessoa em real perigo, uma vez que a Formiga Branca teria planeado uma excursão punitiva, cercando nessa noite o restaurante dos Irmãos Unidos, propriedade do pai de Alfredo Pedro Guisado, em busca do autor da carta, que num exercício posterior de sistematização do movimento sensacionista aludiria ao episódio: “Um sensacionista quase foi linchado por escrever a um vespertino lisboeta uma carta insolente em que se congratulava pelo facto de Afonso Costa – o político português mais popular – ter caído de um elétrico e se encontrar às portas da Morte” (PESSOA, 1966: 204).

Este incidente apenas não acarretou consequências mais gravosas para Pessoa pois os intentos dos partidários de Afonso Costa não foram concretizados naquela noite, uma vez que, alertado para o facto, este teria, entretanto, abandonado o local. Este facto motivou um incontido alívio por parte de Mário de Sá-Carneiro, que o levaria a afirmar na carta de 17 de julho de 1915, de Paris: “Preocupei-me de resto com a morte do Afonso pela sua Vida, meu caro Fernando Álvaro Pessoa de Campos” (SÁ-CARNEIRO, 2001: 175; 2015: 316).

No atrás mencionado texto de Pessoa sobre os sensacionistas, este negaria que fossem “creaturas de maus sentimentos” como queria fazer crer *A Capital*, tentando de algum modo justificar a sua atitude:

Os sensacionistas são, antes de mais, decadentes, descendentes directos dos movimentos decadente e simbolista. Reivindicam e pregam “absoluta indiferença para com a humanidade, a religião e a pátria”. Mais do que isso, vão às vezes ao ponto de afirmar essa aversão. [...] Não há motivo para afirmar que, subjacente a afirmações deste género, exista qualquer malevolência autêntica; provavelmente, são feitas apenas para “irritar o indígena” como dizem os portugueses).

(PESSOA, 1966: 204)

Contudo, por altura da tentativa de linchamento no Restaurante Irmãos Unidos, eventualmente logo no dia seguinte, Fernando-Pessoa-Álvaro de Campos escreveria uma nova carta ao diretor do periódico *A Capital* de que se conhece o rascunho, mas que desta vez não terá enviado, revelando uma enorme dose de

<sup>15</sup> Muito embora na recensão ao primeiro número de *Orpheu* incluída na revista *Alma Nova* n.º7 (abril de 1915), A. Bustorff já tivesse revelado ser Álvaro de Campos uma criação de Fernando Pessoa, este aspeto apenas seria do conhecimento de um círculo mais ou menos restrito de companheiros do poeta da “Ode Triunfal” e dos poucos leitores da revista farense-lisboeta, dirigida por Mateus Martins Moreno.

sensatez. Nesta, para além de não se retratar quanto ao teor das afirmações contidas na carta anterior, coloca-se do lado daqueles que apoiavam a ditadura de Pimenta de Castro e reforça o sentimento anti-afonsista, apontando o líder do Partido Democrático como “o responsável máximo do estado de anarquia, de desolação, e de tristeza em que jazem as almas portuguesas [...] o sinistro chefe de regimentos de assassinos e de ladrões” (PESSOA, 2009: 381).

Comparando-o com um ciclone, Fernando Pessoa acusa Afonso Costa de devastar o país, transformando-o num lamaçal e nega-lhe a possibilidade de este merecer a sua compaixão pelo acidente de que fora vítima:

Peço encarecidamente a V. Ex<sup>a</sup> que me deixe vincar bem o quanto eu, longe de retirar essas frases, mais convictamente e mais ardentemente as apoio e as vinco. O chefe do partido democrático não merece a consideração devida a qualquer vulgar membro da humanidade. Elle collocou-se fóra das condições em que se pode ter piedade ou compaixão pelos homens. A sua acção através da sociedade portuguesa tem sido a d’um cyclone, devastando, estragando, perturbando tudo, com a diferença, a favor do cyclone, que o cyclone, ao contrario de Costa, não emporcalha e enlameia.

(PESSOA, 2009: 381)

Por sua vez, no dia 9 de julho, *O Mundo* desferiu um derradeiro ataque a Raul Leal na rubrica “Ecos & Notícias”, aludindo a redação insidiosamente à orientação sexual do autor d’*O Bando Sinistro* e resumindo-o a um caso de perversão moral (O MUNDO, 1915a: 1).

A fechar a polémica, após a revelação das posições manifestadas pelos restantes colaboradores de *Orpheu* que aparentemente colocaria um ponto final na questão, *A Capital* ainda abriu espaço para publicar uma carta de Armando Côrtes-Rodrigues, em que este afirmava não compartilhar das ideias políticas de Raul Leal e Álvaro de Campos, denominados pela redação de “pamphletário futurista” e “engenheiro sensacionista”, respetivamente. O redator deste artigo aproveitaria para completar a sua tática de isolamento dos dois escritores, concluindo, à laia de exemplo: “É o resultado do antipathico gesto. O “sensacionista” era considerado quasi como um propheta entre os seus collegas do “Orpheu”. Chamavam-lhe o Mestre! Cahiu do pedestal, até para os proprios discipulos que já levam a irreverencia a negar-lhe o talento. *Sic transit gloria...*” (A CAPITAL, 1915a: 2).

Ambas as tomadas de posição à sua maneira emprestaram cambiantes políticas a um escândalo acarinhado pelos diretores de *Orpheu*. A polémica instalada viria a revelar-se um entrave inultrapassável na publicação dos números subsequentes da revista com o súbito retorno de Mário de Sá-Carneiro a Paris e o afastamento voluntário de quase todos os elementos do grupo de *Orpheu*.

Ainda assim, na troca epistolar que se refere especificamente a um embrionário terceiro número de *Orpheu*, é visível que Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro procuravam deliberadamente subir mais um degrau na escalada de provocação que já vinha do número anterior, dado que combinam ainda novas

formas de chocar, com a manutenção de Álvaro de Campos, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, e as projetadas inclusões de António Bossa com “poemas em prosa, à Wilde” e de Numa de Figueiredo, “o recorde do cosmopolitismo: *preto português* escrevendo em *francês*” (SÁ-CARNEIRO, 2001: 204; 2015: 369).

Na carta de 18 de novembro de 1915, apesar do afastamento de Alfredo Pedro Guisado, Sá-Carneiro ainda encarava a possibilidade de incluir em *Orpheu 3* colaboração do poetade *Distância* e pedindo novas a Fernando Pessoa acerca dele, pergunta se ainda valeria a pena escrever-lhe:

É criatura ainda tratável? Fez versos em Mondariz<sup>16</sup>? Eu *poder-lhe-ei* escrever? Informe-me a este respeito. Eu, por mim, gostava muito de lhe escrever, mas não sei o que ele tem contra mim, nem as intenções em que está! [...] Sabe bem que o Guisado será sempre para mim o admirável Poeta e o excelente rapaz toldado de BURGUESIA.

(SÁ-CARNEIRO, 2001: 239; 2015: 421)

Sá-Carneiro ainda aventou a hipótese de a indisposição de Guisado relativamente aos dois diretores de *Orpheu* resultar não da polémica gerada, mas do facto de ter partido para Paris sem lhe ter restituído a quantia com que alguns meses antes teria contribuído para o primeiro número. Enjeitando qualquer parte no sucedido, em carta datada de 12 de dezembro, Sá-Carneiro recorda a Fernando Pessoa: “Com efeito por política, foi você quem mais o ofendeu – que mais longe foi contra o democratismo – sendo pelo contrário eu o signatário da carta-desmentido” (SÁ-CARNEIRO, 2001: 247; 2015: 436).

Contudo, apesar da sucessão dos preparativos, a publicação do terceiro número de *Orpheu* de que Fernando Pessoa não desistira mesmo depois do suicídio do amigo, apenas teria lugar em 1984, graças à edição dos cadernos com as provas tipográficas reunidos pelo bibliófilo presencista, Alberto de Serpa.

Consequência da polémica travada em julho de 1915, o isolamento de Fernando Pessoa e Raul Leal teria resultado num estreitamento da relação entre os dois amigos, conforme poderá ser testemunhado através da leitura do Diário de Fernando Pessoa, referente aos últimos dois meses desse ano (PESSOA, 2003: 156-174), até à partida de Raul Leal para o exílio em Espanha em dezembro de 1915 na vigência do terceiro governo de Afonso Costa, provável efeito tardio do manifesto *O Bando Sinistro*. O exílio de Raul Leal, a par do suicídio de Mário de Sá-Carneiro em Paris a 26 de abril do ano seguinte, terão isolado ainda mais o poeta da “Ode Marítima”.

O apreço e a consideração intelectual de Pessoa em relação ao filósofo de *A Liberdade Transcendente*, levaram a que aquele não somente editasse na Olisipo o folheto *Sodoma Divinizada – Leves Reflexões Teometafísicas Sobre um Artigo* (1923), com que Raul Leal saiu a terreiro em defesa da poesia de António Botto, sofrendo

<sup>16</sup> A família de Alfredo Pedro Guisado, filho do dono do restaurante dos Irmãos Unidos, era originária de Mondariz, na Galiza.

um violento ataque por parte da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, como a que produziu dois contra-ataques sob a forma de manifesto em defesa do seu editado: *Aviso por Causa da Moral* (1923) – assinado por Álvaro de Campos – e *Sobre um Manifesto de Estudantes* (1923), com que pôs um ponto final à polémica.

A audácia de Raul Leal demonstrada inequivocamente tanto em *O Bando Sinistro* (1915), como em *Sodoma Divinizada* (1923) e, mais tarde, no escândalo da Assistência Pública, campanha que levou a cabo no monárquico *Correio da Noite* (1926), e que lhe valeu uma agressão na rua do Norte, contrastava com a atitude da maioria dos seus companheiros de *Orpheu*. De facto, essa audácia valeu-lhe vários dissabores ao longo da sua vida. O seu envolvimento constante em polémicas terá contribuído sobremaneira para a escassez de publicações em vida e para que a obra daquele que Almada apelidava de “filósofo (à Apocalipse)” (NEGREIROS, 1965: 10), fosse votada ao esquecimento, com as colaborações dispersas por jornais e revistas, aspeto que agora, passados mais de cinquenta anos sobre a morte de Henocho, aparenta finalmente estar a mudar.

## Bibliografia

- ALMEIDA, António José de (1915a). “O Integralismo... poético”, in *República* (dir. António José de Almeida), Ano V, n.º 1.539, Lisboa, 26 de abril, p. 1.
- \_\_\_\_ (1915b). “O Doutor Minhoca”, in *República* (dir. António José de Almeida), Ano V, n.º 1.538, Lisboa, 25 de abril, p. 1.
- BARRETO, José (2015). “O ano do *Orpheu* em Portugal”, in Steffen Dix (org.), *1915: O Ano do Orpheu*, Lisboa: Tinta-da-china, pp. 67-95.
- CABRAL, Manuel Villaverde (2000). “A estética do nacionalismo: modernismo literário e autoritarismo político em Portugal no início do século XX”, in *A Primeira República Portuguesa: Entre o Liberalismo e o Autoritarismo*, Nuno Severiano Teixeira e António Costa Pinto (coord.). Lisboa: Colibri / Instituto de História Contemporânea, pp. 181-211.
- \_\_\_\_ (1979). *Portugal na Alvorada do Século XX: forças sociais, poder político e crescimento económico de 1890 a 1914*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- COIMBRA, Leonardo (1913). “A Liberdade Transcendente de Raul Leal”, in *A Águia* (dir. Teixeira de Pascoaes e António Carneiro), 2ª série, Ano IV, n.º 23, Porto, novembro, pp. 319-321.
- DANTAS, Júlio (1915). “Poetas paranóicos”, in *Ilustração Portuguesa* (dir. J. J. da Silva Graça), Série II, n.º 478, Lisboa, 19 de abril, p. 481.
- \_\_\_\_ (1900). *Pintores e Poetas de Rilhafolles*. Lisboa: Imprensa de Libânio da Silva.
- FERRO, António (1919). “O assassino da pátria”, in *O Jornal* (dir. Rita Martins), Ano I, n.º 111, Lisboa, 20 de setembro, p. 1.
- GALHOZ, Maria Aliete Dores (1959). *O Momento Poético de “Orpheu”*, separata da reedição de *Orpheu*, Lisboa: Ática.
- GOMES, Pinharanda (1975). “Raul Leal – Iniciação ao seu Conhecimento”, in *Pensamento Português III*. Braga: Editora Pax, pp. 66-80.
- \_\_\_\_ (1966). “Um d’Orpheu – Raul Leal (esboço bio-bibliográfico)”, in *Filologia e Filosofia – Temas de Filologia e Filosofia Portuguesas*. Braga: Editora Pax, pp. 23-45.
- HOMEM CHRISTO, Francisco Manuel (1912). *Banditismo Político: A Anarchia em Portugal*. Madrid: Imp. de Gabriel López del Horno.

- JÚDICE, Nuno (1986). *A Era do "Orpheu"*. Lisboa: Editorial Teorema.
- LEAL, Raul (1961). "Carta aberta ao heróico povo português ludibriado por traidores", in *Diário da Manhã* (dir. Barradas de Oliveira), Ano XXXI, n.º 10.908, Lisboa, 11 de novembro, p. 3.
- \_\_\_\_ (1960). *Sindicalismo Personalista: Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo.
- \_\_\_\_ (1959). "A ética pessoal dignificadora de Santa-Rita Pintor", in *Tempo Presente – Revista Portuguesa de Cultura*, Ano I, n.º 3, Lisboa, julho, pp. 18-20.
- \_\_\_\_ (1918). "A retirada de Homem-Christo, Filho", in *O Liberal– Folha Imparcial da Manhã* (dir. Carneiro de Moura), Ano II (XII), n.º 395 (n.º 3.544), Lisboa, 17 de maio, pp. 1-2.
- \_\_\_\_ (1915). *O Bando Sinistro – Appello aos Intellectuaes Portuguezes*. Barcelona: Prensa Libertad.
- LOPO, Rui (2013). "Raul Leal e Fernando Pessoa – Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 1-27.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1988). *Ensaio de História da I República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- \_\_\_\_ (1974) (org.). *O Segundo Governo Afonso Costa*. Mem Martins: Europa-América.
- \_\_\_\_ (1972). *Afonso Costa*. Lisboa: Arcádia.
- MEDEIROS, Octávio de (1925). *Affonseida – Poema Heroe-Comico*. Lisboa: Imprensa Lucas e C<sup>a</sup>.
- MENESES, Filipe Ribeiro de (2010). *Afonso Costa*. Tradução de Isabel Veríssimo. Alfragide: Texto Editora.
- NEGREIROS, José de Almada (1965). *Orpheu 1915-65*. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_ (1935). "Um aniversário: 'Orpheu'", in *Diário de Lisboa. Suplemento Literário* (dir. Joaquim Manso), Ano XIV, n.º 4.418, Lisboa, 3 de março, pp. 1 e 7.
- NEVES, Márcia Seabra (2015). "Raul Leal (Henocho) – O mais louco dos loucos do *Orpheu* e profeta maldito", in Steffen Dix (org.), *1915: O Ano do Orpheu*. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 369-387.
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith; colaboração de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1998). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1980). *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_ (1979). *Da República (1910-1935)*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ROCHA JÚNIOR, J. (1915) (ed.). *Os Crimes da Formiga Branca: Confidências Viridicas e Sensacionais d'um Juiz de Investigação*, Ano I, n.º 1-5, Lisboa. Disponível em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OsCrimesdaFormigaBranca/N01/N01\\_master/OsCrimesdaFormigaBranca\\_N01.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OsCrimesdaFormigaBranca/N01/N01_master/OsCrimesdaFormigaBranca_N01.pdf)
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2015). *Em Ouro e Alma: Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_ (2001). *Cartas de Mário Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SAMPAIO, José Pereira de (1957). *Sampaio (Bruno) – Sua Vida e Obra*. Prefácio de Joel Serrão. Lisboa: Inquérito.
- SIMÕES, João Gaspar (1964). "Poetas sensacionistas", in *Literatura, Literatura, Literatura...: de Sá de Miranda ao Concretismo Brasileiro*. Lisboa: Portugália, pp. 249-253.

**Artigos não assinados / A Capital**

- (1915a). “Ainda o caso do ‘Orpheu’ – Mais uma carta”, in *A Capital – Diário Republicano da Noite* (dir. Manuel Guimarães), Ano VI, n.º 1.769, 9 de julho, p. 2.
- (1915b). “Ponto final... O caso do ‘Orpheu’ – O seu director repelle toda a solidariedade com o ‘engenheiro sensacionista’ Alvaro de Campos”, in *A Capital – Diário Republicano da Noite* (dir. Manuel Guimarães), Ano VI, n.º 1.767, 7 de julho, p. 2.
- (1915c). “Antipathico futurismo – Os poetas do ‘Orpheu’ não passam, afinal, de creaturas de maus sentimentos”, in *A Capital – Diário Republicano da Noite* (dir. Manuel Guimarães), Ano VI, n.º 1.766, 6 de julho, p. 1.
- (1915d). “Gente para tudo... Uma récita do ‘Orpheu’”, in *A Capital – Diário Republicano da Noite* (dir. Manuel Guimarães), Ano VI, n.º 1.765, 5 de julho, p. 2.
- (1915e). “Artistas de Rilhafolles – Outro número do ‘Orpheu’ – Sá Carneiro, poeta catholico e monarchico – Uma ‘Ode maritima’ escandalosa”, in *A Capital – Diário Republicano da Noite* (dir. Manuel Guimarães), Ano VI, n.º 1.758, 28 de junho, p. 1.
- (1915f). “Litteratura de Manicomio – Os poetas do ‘Orpheu’ foram já scientificamente estudados por Julio Dantas, há 15 annos, ao occupar-se dos ‘artistas’ de Rilhafolles – Casos de paranoia – Tem a palavra o sr. Julio de Mattos”, in *A Capital – Diário Republicano da Noite* (dir. Manuel Guimarães), Ano V, n.º 1670, 30 de março, p. 1.

**Artigos não assinados / O Mundo**

- (1915a). “Perversão moral”, in *O Mundo* (dir. França Borges), Ano XV, n.º 5.385, 9 de julho, p. 1.
- (1915b). “Os do ‘Orfeu’”, in *O Mundo* (dir. França Borges), Ano XV, n.º 5.383, 7 de julho, Lisboa, p. 2.
- (1915c). “Muito... Paúlico – Literatura de Manicómio Astral”, in *O Mundo* (dir. França Borges), Ano XV, n.º 5.381, 5 de julho, p. 3.